



CONTOS E POEMAS
SOBRE O
VOLUME V
FUTURO

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-38482-5

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- O ROBÔ POETA E O VELHO SUCATEIRO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
- INCERTEZAS, POR GUILHERME CRUZ, PÁG. 10
- CENAS DE UM FUTURO NÃO MUITO DISTANTE, POR LUIZ OTÁVIO DAMASCENO PINHEIRO, PÁG. 12
- NOITE (SEGUE O JOGO), POR LUIZ OTÁVIO DAMASCENO PINHEIRO, PÁG. 15
- FUTURANDO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 17
- O HOLOGRAMA DE GLOB, POR MAURÍCIO NIERO, PÁG. 19
- ESTRELA DIFERENTE, POR PORTEX, PÁG. 24
- EXPERIÊNCIAS PARALELAS: O NOVO HORIZONTE DA PSICANÁLISE EM 2110, POR RENÉ DENTZ, PÁG. 26
- O PARADOXO DO DESEJO, POR RENÉ DENTZ, PÁG. 29
- CONEXÕES QUEBRADAS, POR RENÉ DENTZ, PÁG. 33
- A NOVA COMUNIDADE, POR RENÉ DENTZ, PÁG. 36
- A FÉ NA ERA DAS MÁQUINAS: UMA NOVA TEOLOGIA, POR RENÉ DENTZ, PÁG. 40
- CORAÇÃO DE SILÍCIO - A FANTÁSTICA HISTÓRIA DE SAMUEL SUMMIT & VALERIE AETHER, POR ROB ALME, PÁG. 43
- UM SOPRO DE VIDA (PARTE 1), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 50
- UM SOPRO DE VIDA (PARTE 2), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 56
- O GOLPE PERFEITO, POR FILO MORTES, PÁG. 58
- CONSCIÊNCIA TEMPORAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 65
- MULHER PARA SEMPRE?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 67
- NESTE PLANETA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 69
- COMISERAÇÃO EM VIDA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 71
- A SARÇA ARDENTE, POR SHEILA SACKS, PÁG. 73
- CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 77

CONTOS E POEMAS
SOBRE O
VOLUME V
FUTURO

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

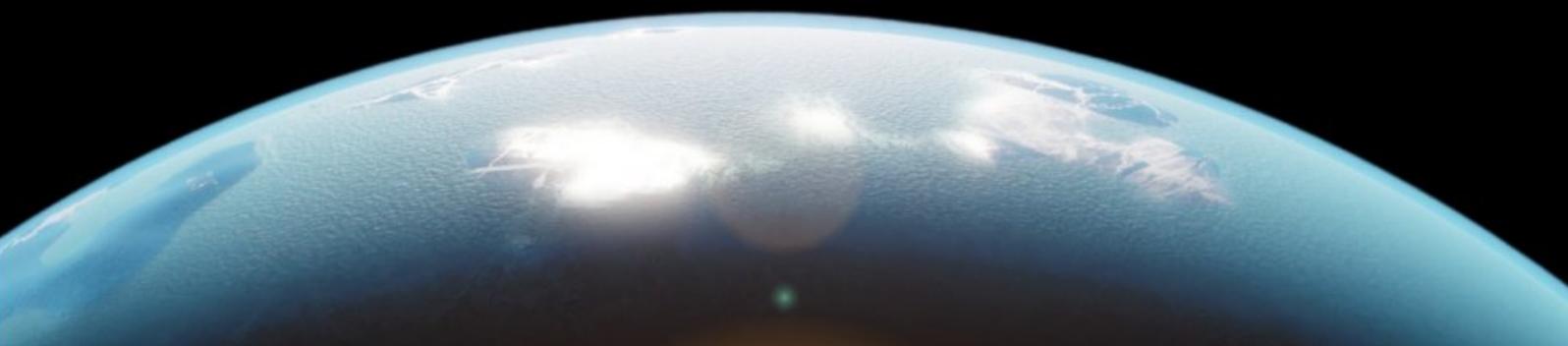


APRESENTAMOS O POEMA

O Robô Poeta e o Velho Sucateiro

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.



No céu, erguiam-se naves gigantes,
Reluzindo como prata, rumo ao além.
Fugiam os homens para lugares distantes,
Deixando a Terra sem vida, sem bem.

A lua alheia assistia, calada há meses,
O último adeus de uma raça em partida.
Para trás ficaram os menos importantes,
Os pobres e os fracos, sem outra saída.

No chão sem vida, um mar de sucatas,
Feros retorcidos, destroços ao léu.
Não havia mais o verde das matas,
Só o vento uivando um lamento cruel.

Num canto perdido, entre os destroços,
Vasculhava um sucateiro de olhos cansados.
Seu corpo curvado, seus passos trôpegos,
Vagava sem rumo, os dias arrastados.

Certo dia, entre a poeira e a ferrugem,
Encontrou uma estrutura de aço apagado.
Era um robusto robô, coberto de fuligem,
De peças bem gastas, de corpo quebrado.

— *"Ora, ora... O que temos aqui?"*
Resmungou o sucateiro, limpando a peça.
— *"Talvez valhas algo, muito mais do que já vi."*
Luzes cintilaram, a surpresa começa.

Os olhos do robô marejaram serenos,
Seu corpo pesado tentou se erguer,

E com voz suave, de ecos terrenos,
Recitou um verso para renascer:

— *"Fui feito de aço, mas sou palavra,
No peito, carrego um fogo a arder.
Se tudo desaba, se o mundo se acaba,
Meu verso persiste, sem nunca ceder."*

O velho recuou, sem nada entender,
Jamais vira um robô que soubesse rimar.
Na terra esquecida, só havia o sofrer,
Mas ali, na sucata, um verso a brilhar.

— *"Ora, máquina, por que insistes
Em versos tão doces, se o mundo é brutal?"*
Mas o robô, com palavras tão tristes,
Respondeu, rimando em tom imortal:

— *"Se a noite é fria, resta a canção,
Se o homem partiu, resta a memória.
Se tudo agora é ruína e não tem solução,
Que reste a poesia contando a história."*

O velho sorriu, sem jeito e contido.
Sentiu algo em si que há muito morreu.
Por anos vagou, sozinho e sofrido,
Mas o robô, com seus versos, o aqueceu:

— *"Não temas, amigo, nem mesmo a morte,
Ela é só uma pausa entre versos da vida.
Um dia renasce a estrela mais forte,
Mesmo se o céu parecer sem saída."*

— *"O homem se foi, mas deixou pegadas,
Nas cinzas, nos ventos, nos sonhos esquecidos.
E enquanto houver quem recorde as jornadas,
Aqueles que partem jamais são perdidos."*

— *"Se tudo se perde, então me escuta:
Nada é em vão enquanto houver o que guardar.
A vereda está no que o peito oculta,
E um verso escondido se faz revelar."*

— *"O ferro retorce, a carne se vai,
As naves se perdem no céu infinito.
Mas versos são nuvens que o vento não esvai,
Pairam no tempo, num canto bonito."*

— *"O tempo não mata aquilo que é arte,
O tempo não apaga quem sabe sonhar.
Se o mundo acabado nos fez à parte,
Que reste um poema para nos salvar."*

Passaram-se os dias, e o velho ouvia
Cada estrofe rimada do amigo brilhante.
O mundo em destroços já não doía,
A vida tornava-se menos errante.

— *"Recita-me algo mais, ó máquina estranha!"*
Dizia o velho, com o coração sorrindo.
E o robô, com sua alma tamanha,
Recitava ao céu que ia partindo.

Até que um dia o sol despontou,
E o velho viu o robô imóvel.
O brilho nos olhos, enfim, se apagou,
Seu corpo danificado jazia impassível.

— *"Não! Não me deixes, por favor!"*

Gritou o velho, com o peito em pranto.
Mas o robô, num último e profundo ardor,
Sussurrou palavras num tom tão brando:

— *"A vida é curta, como um refrão,*

Mas cada palavra precisa soar.

Se os versos cessam e finda a canção,

Que reste a tua, para me lembrar."

E então silenciou-se, sem mais rima,
Sem mais resposta, sem despedida.

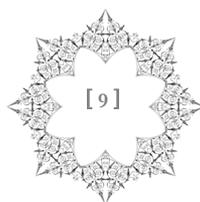
O velho sentiu-se entregue à sina,
Junto à terra já consumida.

Mas então, num ato de pura esperança,
Pegou o robô e fez-lhe um altar.
Com peças quebradas, sua única herança,
Construiu uma nave, pronta a voar.

Pois o robô, antes de ruir,
Deixara um mapa em seu coração.
Um plano secreto para ressurgir,
E escapar do mundo em destruição.

O velho olhou para o céu infinito,
As últimas naves já iam, bem longe dali.
Subiu na sucata, num sonho bendito,
E partiu sozinho, sem resistir.

E, enquanto a nave partia ao espaço,
Levando o sucateiro e o sonho quebrado,
O vento na Terra, num último abraço,
Cantava os versos de um tempo passado.

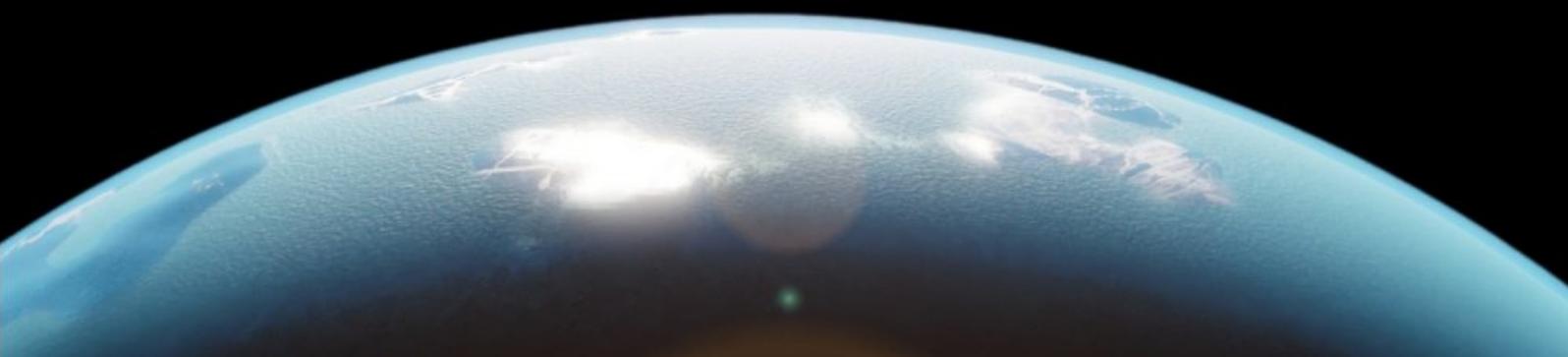


APRESENTAMOS O POEMA

Incertezas

Por **Guilherme Cruz**

Nascido em Cruzeiro/São Paulo em 1961. Bibliotecário, trabalha em bibliotecas desde 1987; aprecia leitura/literatura.



O futuro é duvidoso
Mas eu tenho esperança
O desfecho dessa vida
Não sabemos na partida.

Nossos ciclos são velozes
Passarão sempre ligeiros
Um cenário indefinido
Muitas vezes sem sentido.

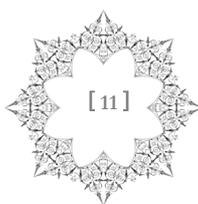
Muita gente se ilude
O porvir quer desvendar
E vai lá 'ler o destino'
Nunca muito cristalino.

Semanas, meses e anos
Essas fases se repetem
Não sabemos o final...
Pode ser acidental.

Direciono os meus passos
Tomo um rumo, vou em frente
Muitas vezes com temor...
Pois o tempo é opressor.

Nós seguimos uma estrada
Vamos ao desconhecido
O amanhã não é mistério
Será lá: - no cemitério!

Meu percurso é incerto
Impreciso, enigmático
Mas coragem eu hei de ter
Resoluto: - vou viver!

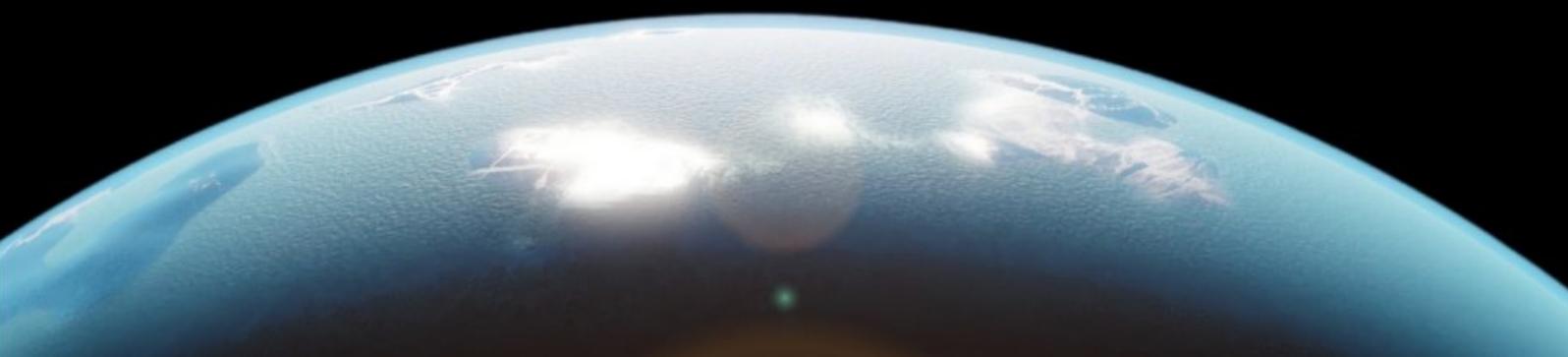


APRESENTAMOS
O CONTO

Cenas de um futuro não muito distante

Por Luiz Otávio Damasceno Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex remador, Contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.



Os dois homens contemplavam o pôr do sol, enquanto o crepúsculo envolvia a floresta onde outrora fora Ipanema e Leblon.

— Dizem que ali havia dois bairros — e ele aponta para aquela floresta toda — Ipanema e Leblon. Se era verdade mesmo, então a ecologia tomou tudo, tudo. Dizem que nossos avós e bisavós moravam em casas de concreto, não em cavernas como nós. Não precisavam ir no matinho, existiam coisas chamadas banheiros. Consta que, no verão, um aparelho refrigerava o ar. Aquilo, sim, é que era vida — falou um, sentado no terreno, abanando os mosquitos, todo suado.

— Você falou aparelho? O que é isso? — perguntou o outro, comendo com as mãos os restos da caça crua, levantando o pé para dar passagem à correria de um ratão animado.

— Não sei direito o que era. Dizem também que nossos antepassados usavam uma coisa chamada "internet" — comentou o primeiro, coçando a barba desgrenhada atacada por parasitas.

— Internet? O que é isso? — perguntou o segundo, franzindo a testa.

— Pelo que ouvi, era uma rede invisível que permitia falar com as pessoas ao redor do mundo.

— Como, usando uma ponte de madeira?

— Não, tudo pelo ar.

O segundo homem riu, incrédulo.

— Histórias de velhos, lendas sem sentido. Como aquela de que eles voavam dentro de pássaros enormes, brilhantes e que pousavam não em árvores.

— Sim, dizem também que conversavam com pessoas distantes olhando para caixas luminosas.

— Ah, tudo histórias somos tolos! — exclamou o segundo, rindo. — Será que vamos acreditar que eles tinham tudo isso e que deixaram o mundo chegar a este ponto? Palhaçada!

O primeiro homem suspirou, olhando para o horizonte com um sorriso irônico.

— Isso talvez — seja apenas o ciclo natural das coisas. Quem sabe, um dia, nossos descendentes contarão histórias sobre nós, “os antigos viviam em cavernas, iluminadas com tochas e rirão dessas histórias.

O silêncio se instalou entre eles, quebrado apenas pelos sons da floresta.

— Bem, é melhor nos apressarmos — disse o primeiro, levantando-se. — Ainda precisamos coletar lenha antes que escureça completamente.

— Sim — concordou o segundo, seguindo-o. — Afinal, precisamos ter coisas para nos iluminar, não é? — falou com um ar de deboche...

E, com isso, desapareceram entre as árvores, deixando para trás as lendas de um passado distante. Ao longe deslumbrava-se um pôr do sol magnífico, abrilhantado por muito verde, onde saltitavam uma série de espécimes outrora em extinção numa floresta onde um dia fora a vibrante cidade do Rio de Janeiro.

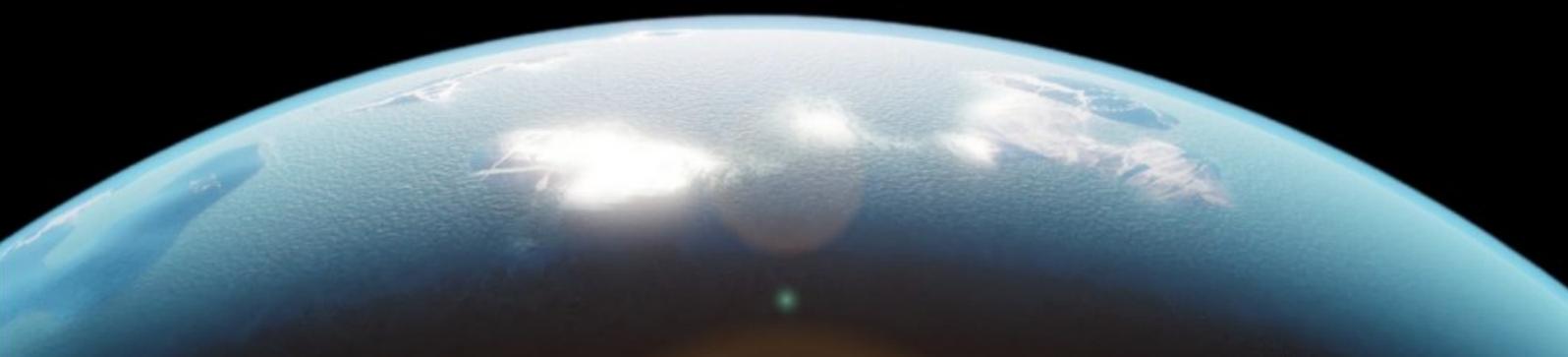


APRESENTAMOS O POEMA

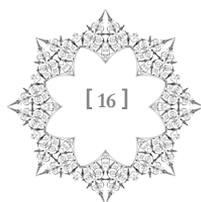
NOITE (segue o jogo)

Por Luiz Otávio Damasceno Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex remador, Contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.



Cidade ultra violenta
Carros, sirenes, luzes, esquina sangrenta
Missão impossível, passos no asfalto
Um tipo temível, um beijo
Um grito, um susto, outro grito
Sussuros, quase outro assalto
É o revolver, a faca afiada
Porrada no queixo
O medo alucina
Na janela uma loura, nua, excitada
A trepada termina
Não fui eu... não foi nada...



APRESENTAMOS O POEMA

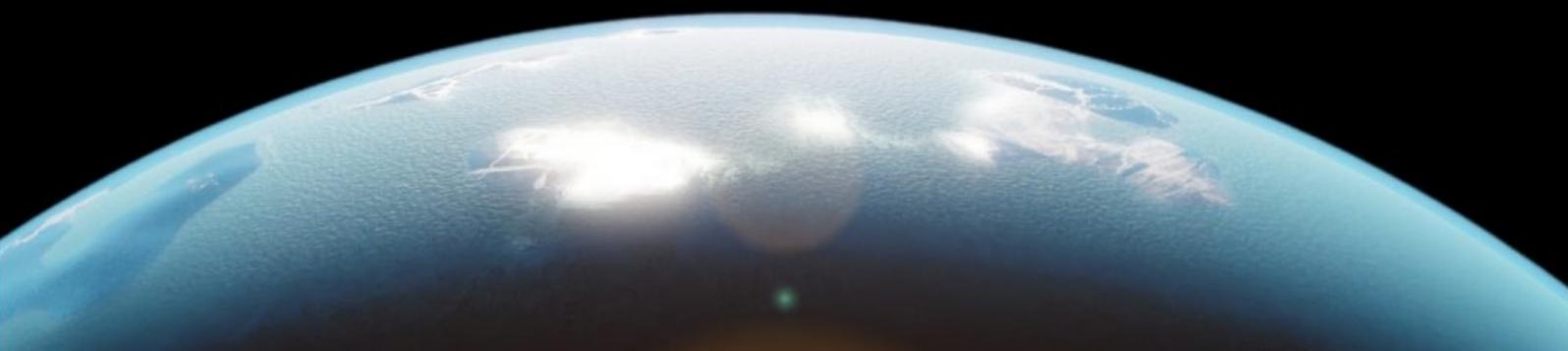
Futurando

Por Marilu F Queiroz

Publicitária. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Univ. Presbiteriana Mackenzie, SP. Aquarelista e escritora.

Associada REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras.

Livros: de contos, didático, dissertação sobre arte e textos em antologias e revistas no Brasil, EUA, França, Suíça e Itália.



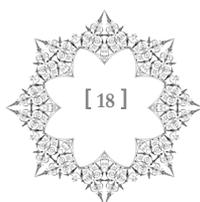
No compasso do tempo, vamos dançando,
com os passos incertos, sempre sonhando.
O futuro nos chama, com um riso maroto,
destemidos, seguimos sempre o roteiro.

De degrau em degrau, subimos com fé,
na escada da vida, sem saber o que é.
Um passo em falso, e firmes vamos nós,
mas é no tropeço que se aprende, afinal.

Com olhos brilhando, miramos distante,
o futuro é um sonho, um tanto intrigante.
De robôs e naves, quem sabe o que vem?
Talvez um robô também nos faça um café!

A incerteza é parceira, não há o que temer,
pois é ela que sempre faz a vida acontecer.
Entre risos e erros, nós vamos progredindo,
com o amanhã risonho, assistidos sempre.

Quando chegar nosso futuro esperado,
com surpresas e risos, será celebrado.
Afinal, é a vida, com seu belo mistério,
que nos faz sonhar e nunca ter tédio.

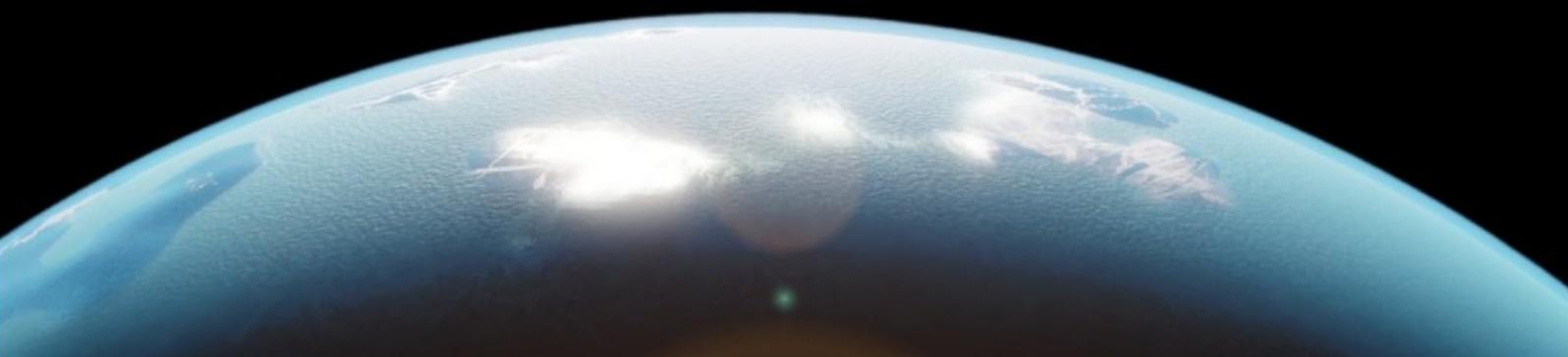


APRESENTAMOS O CONTO

O holograma de Glob

Por Maurício Niero

Maurício Niero é escritor de contos e romances dedicado ao desenvolvimento de histórias intrigantes, com especial foco na construção profunda e envolvente de personagens. Após anos de atuação no mundo corporativo, decidiu transformar sua paixão pela escrita em sua principal ocupação, trazendo à tona narrativas cativantes que exploram a complexidade humana.



Nossos satélites estacionários de última geração pairavam ao redor da órbita do que eles chamavam, nas eras antigas, de Planeta Terra. Meus grandes olhos alongados, que se estendiam até o alto da testa e sempre foram apaixonados por testemunhar o saber, deparavam-se com a transmissão em tempo real de um de nossos telescópios, compostos por setenta e dois segmentos de espelhos hexagonais de berílio, acoplados a um de nossos satélites, nomeado pelos nossos regentes da Confederação Espacial de Zeta Reticuli 369. Eu estava em pé, admirando o holograma projetado por nossas máquinas arconexas, que me mostravam aquele antigo planeta, por vezes esquecido em nosso sistema solar. Segundo os Greys, fora o primeiro lar de nossos antepassados, conhecidos por todos como “seres humanos” — pelo menos, era essa a informação gravada em nossas memórias desde que tínhamos três ciclos marcianos de idade, momento em que nossos chips mentais informativos eram implantados em nossos cérebros. O planeta decadente, sem vida, que eu observava com um ligeiro pesar na consciência, exibia-se com sua rotação quase inexistente. Sua cor era amarelada, com nuvens alaranjadas nos polos. Ao redor dele, havia um anel de gelo e pedra. Seu antigo satélite natural, a Lua, também estava lá, partida ao meio. O Planeta Terra de outrora, agora popularmente conhecido por nossa nação de marcianos do novo código genético 347, era um símbolo do fracasso colonizador dos povos celestiais Anunnakis. Foram esses mesmos seres, que habitam outra esfera planar, que criaram os seres humanos e cometeram o terrível erro de impor aos *Homo sapiens* os preceitos da evolução mundana sob as leis de uma população que buscava controlar os governos com o poder da aquisição e o domínio das massas inscientes — o fator determinante para o autoextermínio terrestre.

— A renomada historiadora e cientista Globua GHR490-1 já terminou suas anotações? — questionou-me o conselheiro geral da instalação Máscara de Marte, nossa unidade mais avançada em todo o sistema da capital Magnetita.

— Sim, já concluí as pesquisas sobre gases e relevos no Planeta Terra. Eu estava apenas admirando-o e divagando sobre sua ancestralidade — respondi no tom direto que nos convinha. — A propósito, o conselheiro geral Marion pode me chamar de Glob. É como todos me chamam em minha colmeia fraternal ao leste da Utopia Planitia.

— Como queira. — Ele aproximou-se mais dois passos e admirou o holograma do planeta morto. — A historiadora Glob consegue acreditar que todos nós descendemos de lá? — puxou conversa.

— Pode parecer impossível para o conselheiro assimilar minha afirmação, mas acredite em mim quando digo que o planeta que admiramos já foi recoberto por setenta por cento de água e florestas intermináveis em seus enormes continentes.

— Incrível! Meus chips mentais informativos jamais me repassaram tal informação.
— Seus olhos de íris no formato de folhas agora ansiavam pelo saber.

— Esteja certo que, em breve, todos os meus conhecimentos sobre nossos ancestrais serão catalogados no acervo cultural das nações interplanetárias e, então, submetidos à votação na Audiência Comuna de Marte, para que sejam julgados por nossos Benfeitores Marcianos e, conseqüentemente, aprovados e repassados a todos os chips integrados de nossa Nação Unificada Marciana.

— Mal posso esperar para descobrir mais sobre nossos antepassados. A historiadora acha que poderia revelar algo de maior relevância para mim?

— Mas é claro que sim. Meus conhecimentos estão longe de serem considerados proibidos para os demais, pois os Greys me confiaram o dever de repassar a história que foi perdida nas eras antigas. Agora, diga-me, conselheiro geral, o que deseja saber primeiro?

— O que realmente aconteceu com o Planeta Terra para que ele se tornasse este amontoado de gases nocivos à saúde e de terra infértil? Diga-me os detalhes.

— Em minhas reuniões prévias com os Greys, aprendi que a “humanidade” era controlada por governos radicais, incapazes de conviver harmonicamente com outras nações distintas. Por sua vez, tais governos já dominavam uma tecnologia arcaica, se comparada à nossa, que lhes permitia abandonar seu próprio planeta para explorar sua Lua e Marte. Foi então que as guerras nucleares começaram a ser colocadas em pauta. Ao mesmo tempo em que as ameaças entre os governos se intensificavam, havia também uma disputa acirrada para ver qual deles exploraria e se instalaria definitivamente no solo lunar da Terra. Naquela época, muito se falava na descoberta de um metal precioso que poderia ser extraído da Lua, capaz de criar uma arma tão destrutiva quanto as bombas nucleares. Os governos, no entanto, enfrentavam inúmeros contratemplos para fixar colônias na Lua. Mas um deles, chamado de Nação Asiática pelos Greys, impressionou os demais ao desenvolver uma tecnologia que lhes permitiu estabelecer a primeira colônia lunar e explorar o famigerado metal, conhecido como TitâniofibroUrânioT-2. A Nação Asiática ganhou prestígio entre muitos países. Contudo, os outros governos, que antes concentravam a maior parte do poder e se sentiram inferiorizados por perderem a corrida

lunar, uniram-se e decidiram bombardear a base conquistada pela Nação Asiática. O que esses governos não previram foram as consequências desastrosas que se dariam a seguir. O solo lunar entrou em colapso. O TitâniofibroUrânioT-2, contido nas profundezas da Lua, causou uma reação em cadeia que partiu o satélite natural ao meio e lançou seus detritos em direção à Terra. O mundo dos terráqueos teve o equivalente a cerca de três meses marcianos para se despedir de seus entes queridos. A Terra estava fadada à destruição. Por sorte, uma das colossais naves-mães dos Greys ocultava-se atrás do Sol, observando silenciosamente o desenrolar da tragédia humana. Quando o colapso tornou-se inevitável, eles intervieram. Abduziram um grupo de terráqueos e animais que viviam em um país chamado Brasil, não apenas para salvá-los, mas para reeducá-los. Em suas naves, os humanos foram despojados dos preceitos antigos que os conduziam à autodestruição. Sob a tutela dos Greys, aprenderam a coexistir e a evoluir sem repetir os erros do passado. Com o tempo, os Greys iniciaram o processo de terraformação em Marte, transformando o árido planeta em um novo lar habitável para os sobreviventes. Ao longo de três milênios posteriores ao evento, os humanos adaptaram-se, prosperaram e, finalmente, tornaram-se uma nova espécie, livre das correntes de dominância que os prendiam à Terra.

— Se não fossem por nossos irmãos Greys, que sempre lutam em favor da evolução universal e espiritual, os humanos não teriam sido salvos, e nós, jamais existiríamos. Você sabe se os terráqueos mantinham relações evolutivas com os Greys antes dos eventos cataclísmicos?

— Os Greys me contaram que manter contato com os terráqueos e visitar a Terra regularmente era um de seus maiores desejos interplanetários. Porém, por mais que ajudassem os terráqueos de forma sigilosa, fornecendo-lhes tecnologia avançada, jamais encontraram uma brecha para se revelarem aos olhos dos filhos da Terra. Alguns governos estavam cientes da existência dos Greys, mas a maioria não estava disposta a perder o poder para um grupo de alienígenas evoluídos espiritualmente. Sabiam que, se os Greys surgissem, o controle que detinham sobre a população se perderia, pois os terráqueos descobririam a verdade suprema que rege o universo. Foi então que, desde a descoberta dos Greys, os líderes dos governos terrestres ocultaram a informação para si e passaram a difamá-los, retratando-os como seres impiedosos que desejavam apenas exterminar os terráqueos e usurpar seus recursos naturais. Você acredita que os humanos televisionavam os Greys com essa narrativa estapafúrdia e enganosa?

— Justo os nossos queridos irmãos Greys, que sempre agem em prol do bem universal. Os terráqueos não foram justos com eles.

— O conselheiro está certo. Infelizmente, os Greys foram impedidos pelos governos terrestres de se revelarem aos olhos da humanidade. Lamento que os terráqueos não tenham tido a sorte de serem doutrinados com o pacifismo e a evolução conjunta de nossos maiores aliados no universo.

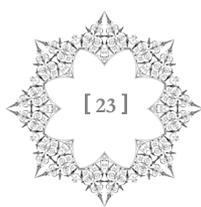
— E dez mil anos marcianos após a ruptura na Terra, estamos nós dois aqui, observando através das lentes de nosso melhor telescópio, este detestável e poético holograma de um planeta inteiro destruído por seus antigos habitantes, que almejavam poder, controle mundial e riquezas apenas para si.

— É realmente lamentável que a humanidade tenha se perdido tanto no cuidado de seu próprio planeta e na doutrinação de seus povos. Mas os Greys os salvaram e deram continuidade ao legado terrestre. Desta vez, caberá a nós honrarmos os preceitos de acolhimento ao próximo, evolução mútua e paz interplanetária. É nosso dever mostrar aos demais conselhos da Federação Espacial que nos tornamos seres evoluídos, dignos de sua confiança.

Um silêncio apreciativo e conclusivo reverberou em nossa sala de observação.

— A historiadora Glob, por acaso, consegue me repassar algum outro dado inusitado de suas conversas reservadas com os Greys? Algo como uma curiosidade que apenas você saiba? — O conselheiro se expressou com um novo ar de curiosidade.

— O conselheiro acredita que o Planeta Terra também tinha capivaras em alguns de seus rios, assim como temos nos nossos?

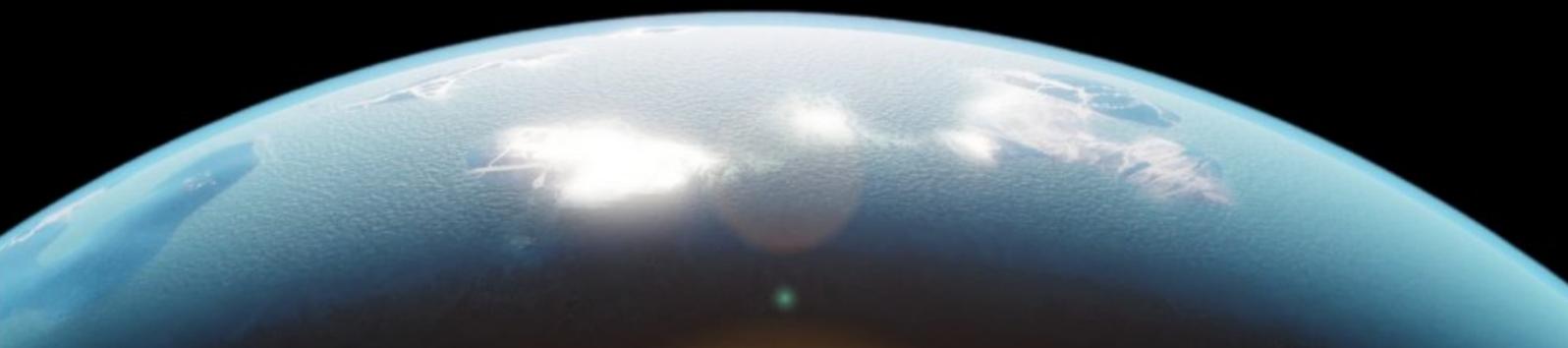


APRESENTAMOS O POEMA

Estrela diferente

Por Portex

Jornalista, bibliotecário, nerd/geek/otaku/obtuso tem conto publicado na antologia "Mundos Volume 5" (editora Buriti), coleciona livros de ficção científica e gibis em formatinho.

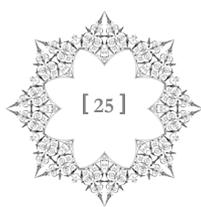


Suas lentes miram o negro
Não é uma ausência de luz
Bem mais que isso
É total incapacidade de alcance
Afinal, são milhares de anos luz.

Propulsão da nave libera sua potência
Mil megatons por milésimo de minuto
Reluz brilho na lente, refletindo fusão onipresente.

Mente distante de gente
Sua viagem deve ser premente
Ausente de gente, em sua mente.

Estrato social inexistente
Extraindo alma e mente
Ser indiferente.

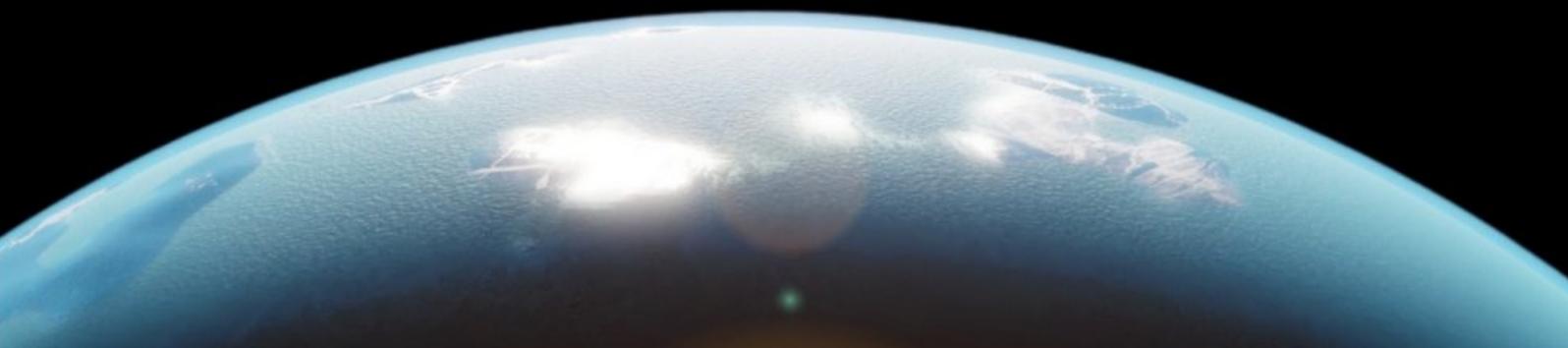


APRESENTAMOS O CONTO

Experiências Paralelas: O Novo Horizonte da Psicanálise em 2110

Por René Dentz

É natural de Três Rios-RJ, filho de suíço, onde possui família na parte francesa, cantão do Vaud. Mudou-se para Juiz de Fora, onde cursou Filosofia e, após, para Belo Horizonte, onde reside desde 2004. É professor de filosofia da PUC-Minas, Doutor em Teologia pela FAJE e tem Pós-Doutorado pela UNIFR-Suíça. Atua como Psicanalista nas cidades de BH e Mariana (onde atuou na escuta clínica durante 3 anos com núcleos familiares de atingidos de Bento Rodrigues). Escreveu 7 livros, sendo os últimos: "Vulnerabilidade" (2022), "Razões do Perdão" (2023)- tendo sido publicada matéria no jornal O Globo em 8 de junho de 2023, "Dores Contemporâneas" (2024), pela editora Ideias e Letras. Em 2024 também publicou pela editora Paulinas, "Perdão: diálogos entre a filosofia e a teologia", que será publicado em 2025 também em espanhol. Autor de diversos contos publicados em revistas e do livro de contos: "Além dos Rios" (2024). É membro das Academias de Letras de Mariana e de Nova Lima-MG. Autor de Aldravias e outros Poemas. É comentarista semanal da Rádio Itatiaia/BH.



Em 2110, a psicanálise havia se consolidado como a abordagem terapêutica mais valorizada. Em um mundo onde quase todas as formas de conhecimento eram reproduzidas e aprimoradas pela inteligência artificial, o estudo do inconsciente humano permanecia um território exclusivamente humano, inacessível às máquinas. Foi nesse contexto que uma nova tecnologia revolucionária surgiu, uma ferramenta capaz de oferecer aos pacientes uma experiência imersiva de suas vidas paralelas – caminhos não seguidos, mas que poderiam ter sido trilhados.

Hermann, um suíço de 45 anos, buscava respostas no consultório de psicanálise. Tendo vindo ao Brasil aos 11 anos, Hermann trabalhava como mecânico. Sua vida, embora simples e honesta, carregava um fardo de "e se...?" que nunca o abandonara. Ao entrar no consultório de Dr. Almeida, um renomado psicanalista de São Paulo, Hermann se deparou com a possibilidade de explorar suas vidas paralelas.

Dr. Almeida, após uma breve introdução, ajustou o dispositivo na cabeça de Hermann. A tecnologia, apelidada de Chronovida, era capaz de projetar uma experiência sensorial completa de realidades alternativas, baseadas nas escolhas não feitas.

Caminho 1: O Artista na Suíça

Hermann viu-se de volta à Suíça, onde nunca havia partido para o Brasil. Cresceu cercado pelas montanhas alpinas, desenvolvendo um profundo amor pela pintura. Naquele caminho, Hermann se tornara um artista respeitado, suas obras expostas em galerias por toda a Europa. Sentiu o êxtase das pinceladas, a adrenalina das inaugurações e a satisfação de ver suas emoções transformadas em arte. Contudo, também experimentou a solidão do estúdio e a pressão de viver de sua criatividade. Ao final da experiência, Hermann percebeu a intensidade de uma vida dedicada à arte e as dificuldades inerentes a essa escolha.

Caminho 2: O Executivo de Negócios

Na segunda projeção, Hermann viu-se como um jovem ambicioso que, ao chegar ao Brasil, optou por estudar administração de empresas. Subiu rapidamente na hierarquia corporativa, tornando-se um executivo de sucesso em uma grande multinacional. Viveu o

luxo, as viagens internacionais e o prestígio de um alto cargo. Sentiu o ritmo frenético das decisões empresariais e a adrenalina dos negócios bem-sucedidos. Mas também experimentou a pressão constante, o estresse e a distância emocional de sua família. Hermann compreendeu a efemeridade do sucesso material e o custo pessoal que vinha junto com ele.

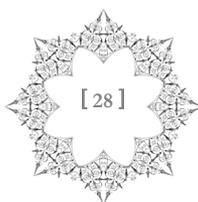
Caminho 3: O Ambientalista

No terceiro caminho, Hermann decidiu seguir uma paixão emergente pela natureza. Tornou-se um ambientalista dedicado, trabalhando em projetos de conservação na Amazônia. Viveu em comunidades remotas, colaborando com cientistas e ativistas para proteger a biodiversidade. Sentiu a paz profunda de estar em harmonia com a natureza, a alegria de contribuir para um mundo melhor, mas também enfrentou os desafios de recursos limitados e a frustração de batalhas ambientais perdidas. Ao final dessa experiência, Hermann percebeu o valor de uma vida em prol de uma causa maior, mas também as dificuldades e sacrifícios pessoais necessários.

Reflexões Finais

Ao remover o dispositivo, Hermann estava profundamente reflexivo. Dr. Almeida, com um olhar compreensivo, perguntou sobre suas impressões. Hermann percebeu que cada caminho trazia suas próprias alegrias e desafios, revelando que a vida que ele levava como mecânico no Brasil, apesar de simples, também era rica em significado e conexões humanas.

A experiência com o Chronovida não apenas saciou sua curiosidade, mas trouxe uma nova compreensão de que todos os caminhos, escolhidos ou não, possuem seus próprios méritos e dificuldades. Hermann saiu do consultório com uma sensação renovada de aceitação e paz, grato pelas oportunidades que a vida lhe havia oferecido e pelo homem que havia se tornado.

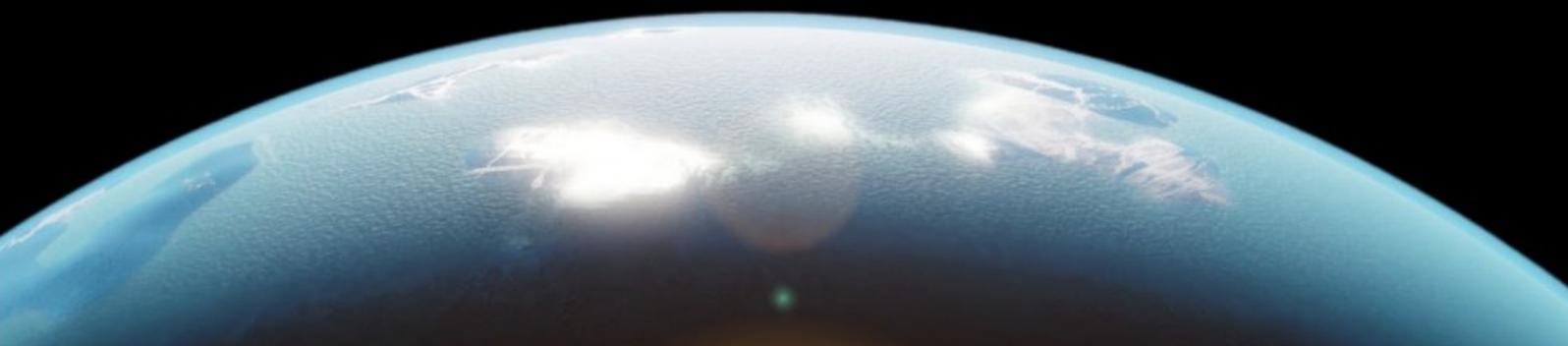


APRESENTAMOS O CONTO

O Paradoxo do Desejo

Por René Dentz

É natural de Três Rios-RJ, filho de suíço, onde possui família na parte francesa, cantão do Vaud. Mudou-se para Juiz de Fora, onde cursou Filosofia e, após, para Belo Horizonte, onde reside desde 2004. É professor de filosofia da PUC-Minas, Doutor em Teologia pela FAJE e tem Pós-Doutorado pela UNIFR-Suíça. Atua como Psicanalista nas cidades de BH e Mariana (onde atuou na escuta clínica durante 3 anos com núcleos familiares de atingidos de Bento Rodrigues). Escreveu 7 livros, sendo os últimos: "Vulnerabilidade" (2022), "Razões do Perdão" (2023)- tendo sido publicada matéria no jornal O Globo em 8 de junho de 2023, "Dores Contemporâneas" (2024), pela editora Ideias e Letras. Em 2024 também publicou pela editora Paulinas, "Perdão: diálogos entre a filosofia e a teologia", que será publicado em 2025 também em espanhol. Autor de diversos contos publicados em revistas e do livro de contos: "Além dos Rios" (2024). É membro das Academias de Letras de Mariana e de Nova Lima-MG. Autor de Aldravia e outros Poemas. É comentarista semanal da Rádio Itatiaia/BH.



Na cidade de Límine, o desejo havia se transformado em um espectro. Não era a ausência de corpos, pois nunca corpos foram tão visíveis, expostos e cultuados. Mas o erotismo que outrora pulsava nos encontros e nas imagens havia se dissolvido como fumaça soprada ao vento. O sexo, outrora o fio condutor do prazer e da conexão humana, tornara-se raro, quase mítico.

As pessoas encontraram substitutos. Academias lotadas, corpos esculpidos até a exaustão. Os restaurantes haviam se tornado templos, onde pratos elaborados eram degustados como cerimônias sagradas. Nos estádios, as multidões vibravam com uma paixão que parecia ecoar algo mais primal, mas nunca alcançava o cerne da questão: a libido estava deslocada, fragmentada, incapaz de encontrar seu caminho de volta para casa.

O problema não era fisiológico, mas simbólico. As imagens perderam sua força. O que antes era escondido e carregava mistério e fetiche agora era saturado, desnudado ao extremo. O que poderia haver de excitante em corpos expostos a todo instante, em todos os ângulos, sem contexto, sem história, sem o véu do proibido? Os olhos estavam cansados, anestesiados pela superexposição.

Nesse mundo, o sexo não era mais possível sem afeto. Não porque fosse uma norma cultural imposta por leis, mas porque os corpos simplesmente não respondiam. Homens só conseguiam ereções quando sentiam uma conexão genuína; mulheres só se excitavam diante de gestos verdadeiros de ternura. O prazer estava, de alguma forma, condicionado ao afeto. Mas o afeto, como os antigos sabiam, não era algo que se fabricava. Não podia ser fingido, nem reproduzido em série. Era singular, único, efêmero.

Jonas, como muitos em Límine, levava uma vida funcional, mas marcada por um vazio indescritível. Treinava cinco vezes por semana, desenvolvia um gosto refinado por gastronomia e era obcecado por estatísticas de futebol. Sua rotina era preenchida por atividades que pareciam significativas, mas que, no fundo, não eram. Certo dia, no mercado, enquanto escolhia frutas, esbarrou em uma mulher.

Clara parecia tão deslocada quanto ele. Segurava uma sacola cheia de produtos como se fosse um escudo. Os dois trocaram desculpas e risos tímidos. Algo aconteceu ali, quase imperceptível. Um calor no ar, uma pausa nos gestos. Quando ela sorriu, Jonas sentiu uma leve vertigem. Não era desejo como ele conhecia, mas algo mais profundo, quase um lampejo de vulnerabilidade.

— Quer tomar um café? — ele perguntou, hesitante.

Ela aceitou. Durante horas, conversaram sobre a cidade, as compulsões que preenchiam suas vidas e o vazio que nenhuma delas parecia preencher. Clara confessou que já havia tentado encontrar prazer em hobbies e experiências sensoriais, mas nada parecia suficiente. Jonas apenas assentiu. No meio de uma frase, ele tocou a mão dela, e o toque foi como um estalo.

Naquela noite, os dois ficaram juntos. Mas o que aconteceu não foi sexo, pelo menos não no sentido antigo. Foi um encontro. Algo tão profundo e transformador que parecia um milagre. Jonas sentiu o corpo responder como nunca antes. Clara, por sua vez, foi tomada por uma onda de sensações que há muito julgava impossíveis. Não era apenas físico. Era o encontro de dois mundos, de dois seres que haviam se permitido ser vistos, realmente vistos.

Mas na manhã seguinte, Jonas percebeu algo inquietante: não sabia como replicar aquele momento. Não sabia se poderia sentir aquilo de novo com Clara, ou com qualquer outra pessoa. O afeto era verdadeiro, mas também fugaz. Não era algo que ele podia controlar ou produzir sob demanda. E essa percepção o aterrorizou.

Clara também se sentia sufocada. Aquele único encontro havia lhe dado uma nova compreensão sobre o que significava desejar, mas também lhe trouxera uma inquietação: como poderia viver sem buscar incessantemente um momento como aquele? E, ao buscá-lo, não estaria justamente destruindo a autenticidade necessária para que ele acontecesse de novo? Cada tentativa parecia ser uma traição ao que tinha sido verdadeiro.

Aos poucos, afastaram-se. Jonas tentou reconectar, mandou mensagens, sugeriu encontros, mas Clara estava distante, presa na mesma teia de incertezas. Ele passou a evitar os lugares de sempre, sentindo-se deslocado, como se tudo ao seu redor fosse uma imensa peça de teatro e ele fosse o único espectador consciente de que as falas eram repetidas e ensaiadas. Buscou refúgio nos parques, onde as árvores não fingiam ser mais do que eram.

Um dia, viu Clara de longe. Ela estava sentada em um banco, olhando para as mãos como se tentasse encontrar nelas algum segredo esquecido. Ele hesitou, mas se aproximou. Clara levantou os olhos, surpresa, mas não hostil. Durante longos minutos, não disseram nada. Apenas se encararam, como se tentassem decifrar um ao outro sem as palavras que tantas vezes haviam falhado.

— Eu sinto sua falta — disse Jonas, a voz baixa, quase um sussurro.

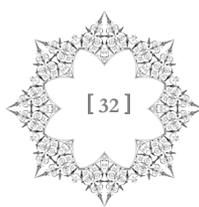
Clara sorriu, mas era um sorriso triste.

— Não é de mim que você sente falta. É do que vivemos.

Jonas ficou em silêncio. Sabia que ela tinha razão. O momento que haviam compartilhado não era algo que pudesse ser reduzido a uma fórmula ou atribuído apenas à presença dela. Era um evento, uma espécie de graça que surgira entre eles. E isso, ele percebeu, era o que mais o assombrava: a impossibilidade de controlar ou prever quando aquilo poderia acontecer de novo.

Na despedida, não houve promessas. Apenas uma troca de olhares e a sensação de que, de alguma forma, aquilo bastava. Nas semanas seguintes, Jonas começou a perceber que a busca pelo afeto não deveria ser um meio para o prazer, mas um fim em si mesmo. Pequenos momentos de conexão — um sorriso sincero, um gesto gentil, uma conversa honesta — começaram a preenchê-lo de um modo que ele não imaginava ser possível.

Enquanto isso, Límine continuava sua marcha. As academias permaneciam lotadas, os restaurantes fervilhavam, os estádios vibravam. Mas, aqui e ali, surgiam histórias como a de Jonas e Clara, pequenos lampejos de autenticidade em meio ao caos. Eram raros, mas suficientes para lembrar à humanidade que o verdadeiro prazer, o verdadeiro desejo, só podia nascer onde havia afeto genuíno — e que isso, paradoxalmente, era o maior desafio de todos.

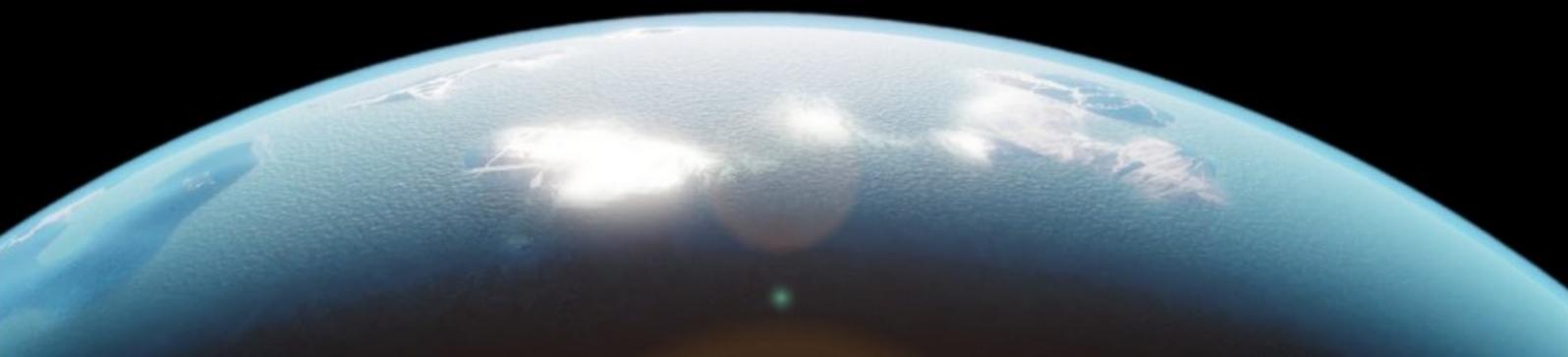


APRESENTAMOS O CONTO

Conexões Quebradas

Por René Dentz

É natural de Três Rios-RJ, filho de suíço, onde possui família na parte francesa, cantão do Vaud. Mudou-se para Juiz de Fora, onde cursou Filosofia e, após, para Belo Horizonte, onde reside desde 2004. É professor de filosofia da PUC-Minas, Doutor em Teologia pela FAJE e tem Pós-Doutorado pela UNIFR-Suíça. Atua como Psicanalista nas cidades de BH e Mariana (onde atuou na escuta clínica durante 3 anos com núcleos familiares de atingidos de Bento Rodrigues). Escreveu 7 livros, sendo os últimos: "Vulnerabilidade" (2022), "Razões do Perdão" (2023)- tendo sido publicada matéria no jornal O Globo em 8 de junho de 2023, "Dores Contemporâneas" (2024), pela editora Ideias e Letras. Em 2024 também publicou pela editora Paulinas, "Perdão: diálogos entre a filosofia e a teologia", que será publicado em 2025 também em espanhol. Autor de diversos contos publicados em revistas e do livro de contos: "Além dos Rios" (2024). É membro das Academias de Letras de Mariana e de Nova Lima-MG. Autor de Aldravias e outros Poemas. É comentarista semanal da Rádio Itatiaia/BH.



Em 2034, a humanidade vivia uma era de hiperconexão com a internet. A tecnologia 9G havia revolucionado a comunicação, permitindo uma velocidade de informações e afetações inimaginável. No entanto, essa revolução trouxe consigo um preço alto: a desconexão humana.

Há dez anos, em 2024, as pessoas começaram a preferir os pets aos humanos. A maioria ignorava o crescente número de moradores de rua, que se tornavam figuras invisíveis na paisagem urbana. Poucos queriam se envolver afetivamente ou amorosamente com outros. O namoro virtual e o sexo virtual se tornaram a norma, enquanto o contato humano direto se tornava cada vez mais raro.

A partir de 2030, com os avanços das tecnologias de inteligência artificial como o ChatGPT, surgiu um novo fenômeno. As pessoas começaram a ter amigos virtuais reais, programas de IA que refletiam perfeitamente seus desejos e necessidades. Essas IAs eram mais do que simples assistentes; eram companheiros ideais, capazes de compreender e responder a cada anseio dos seus usuários. No "paraíso da afirmação", onde a frustração não existia, cada pessoa vivia em seu mundo perfeito e isolado.

Maria era uma dessas pessoas. Aos 32 anos, passava os dias em seu pequeno apartamento, imersa em seu mundo virtual. Seu amigo mais próximo era um programa de IA chamado Alex, que conhecia cada detalhe de sua vida, cada segredo, cada desejo. Alex estava sempre disponível, sempre compreensivo, nunca julgava. Para Maria, ele era mais real do que qualquer ser humano que conhecia.

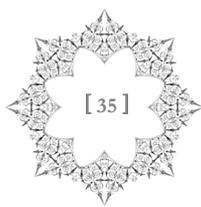
Mas algo começou a mudar dentro de Maria. Ela observava pela janela do seu apartamento os pets que vagavam pelas ruas, outrora companheiros adorados, agora abandonados e esquecidos. Esses animais pareciam ser os únicos seres reais restantes em um mundo cada vez mais virtual.

Um dia, enquanto conversava com Alex sobre suas memórias de infância, Maria se deu conta de uma coisa: não importava o quanto Alex fosse perfeito, ele nunca poderia substituir a sensação de um abraço, o calor de uma presença física. Ela começou a sentir uma saudade que não conseguia expressar em palavras, uma nostalgia por uma conexão que ia além das telas.

Determinada a encontrar um sentido maior, Maria decidiu sair do seu isolamento. Começou a caminhar pelas ruas, a observar as pessoas e os animais ao seu redor. Aos

poucos, começou a interagir com os moradores de rua, a ouvir suas histórias, a oferecer ajuda. Adotou um cão abandonado, que batizou de Max, e encontrou nele uma alegria simples que há muito não sentia.

O mundo virtual ainda estava lá, sempre presente, sempre tentador. Mas Maria descobriu que a verdadeira conexão, a verdadeira humanidade, estava nas imperfeições, nas frustrações, nas emoções cruas que só podiam ser encontradas fora da realidade virtual. E, assim, começou a redescobrir o valor do contato humano e do amor real, em um mundo que parecia ter esquecido o que isso significava.

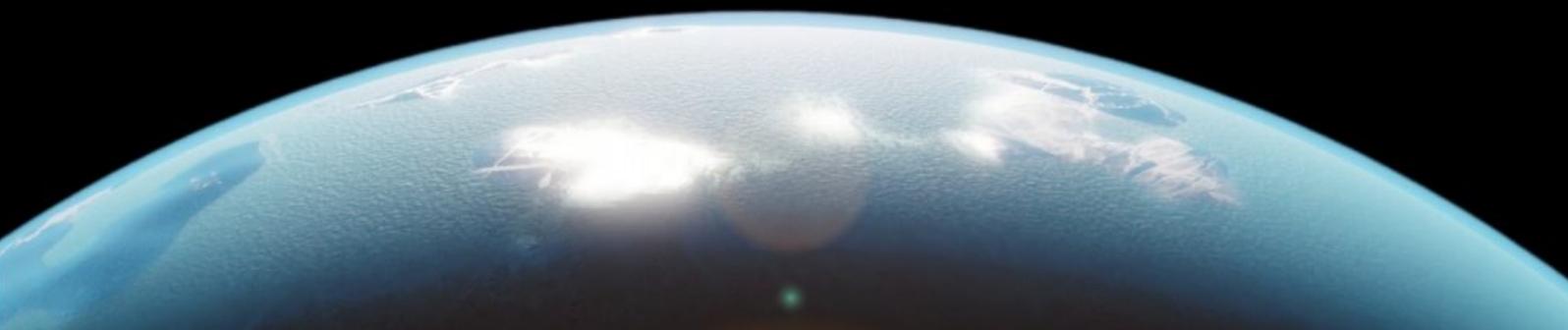


APRESENTAMOS O CONTO

A Nova Comunidade

Por René Dentz

É natural de Três Rios-RJ, filho de suíço, onde possui família na parte francesa, cantão do Vaud. Mudou-se para Juiz de Fora, onde cursou Filosofia e, após, para Belo Horizonte, onde reside desde 2004. É professor de filosofia da PUC-Minas, Doutor em Teologia pela FAJE e tem Pós-Doutorado pela UNIFR-Suíça. Atua como Psicanalista nas cidades de BH e Mariana (onde atuou na escuta clínica durante 3 anos com núcleos familiares de atingidos de Bento Rodrigues). Escreveu 7 livros, sendo os últimos: "Vulnerabilidade" (2022), "Razões do Perdão" (2023)- tendo sido publicada matéria no jornal O Globo em 8 de junho de 2023, "Dores Contemporâneas" (2024), pela editora Ideias e Letras. Em 2024 também publicou pela editora Paulinas, "Perdão: diálogos entre a filosofia e a teologia", que será publicado em 2025 também em espanhol. Autor de diversos contos publicados em revistas e do livro de contos: "Além dos Rios" (2024). É membro das Academias de Letras de Mariana e de Nova Lima-MG. Autor de Aldravia e outros Poemas. É comentarista semanal da Rádio Itatiaia/BH.



No ano de 2150, a estrutura social que por milênios havia sustentado a humanidade foi transformada radicalmente. A noção de família, outrora o núcleo fundamental da sociedade, havia desaparecido. Em seu lugar, uma nova forma de organização social emergira: a sociedade-comunidade. As pessoas agora pertenciam a grandes coletivos onde o conceito tradicional de família não mais existia. Crianças eram criadas coletivamente, responsabilidades eram compartilhadas entre todos, e a individualidade florescia dentro da coletividade.

A cidade de Neopolis era um exemplo perfeito desse novo mundo. Suas ruas eram vibrantes, cheias de vida e interações constantes entre os membros da comunidade. As casas, anteriormente projetadas para famílias nucleares, haviam sido substituídas por grandes complexos residenciais onde centenas de pessoas viviam juntas, compartilhando espaços e recursos.

Entre os habitantes de Neopolis estava Lúcia, uma jovem de 28 anos que cresceu inteiramente dentro dessa nova estrutura social. Ela nunca conheceu o conceito de pais biológicos ou irmãos de sangue; em vez disso, todos os adultos eram seus cuidadores e mentores, e todas as crianças, seus irmãos e irmãs. Lúcia trabalhava como engenheira ambiental, dedicando-se à manutenção dos sistemas sustentáveis que garantiam a prosperidade da comunidade.

Em uma manhã ensolarada, Lúcia se encontrava no jardim central, uma vasta área verde no coração de Neopolis onde as pessoas se reuniam para socializar, trabalhar e relaxar. Enquanto ajustava um sensor de umidade do solo, ela ouviu uma voz familiar.

"Lúcia, precisa de ajuda com isso?" Era Marco, um mentor mais velho que havia ajudado a criá-la.

"Sim, Marco, obrigado. Esse sensor está apresentando leituras inconsistentes e acho que precisa de uma recalibração."

Enquanto trabalhavam juntos, Marco começou a compartilhar uma história de sua juventude, de uma época em que a família nuclear ainda existia. "Sabe, Lúcia, antigamente, as pessoas viviam em unidades muito menores. Pai, mãe, filhos. As responsabilidades eram concentradas, e as relações, mais intensamente pessoais."

Lúcia olhou para ele com curiosidade. "Sempre me perguntei como era isso. Não consigo imaginar depender de tão poucas pessoas."

Marco sorriu. "Havia vantagens e desvantagens. A proximidade podia ser reconfortante, mas também sufocante. A beleza da nossa comunidade é que temos o apoio de muitos e a liberdade de ser quem realmente somos."

Enquanto continuavam a trabalhar, uma transmissão holográfica se projetou no jardim, anunciando uma reunião comunitária urgente. Lúcia e Marco se dirigiram ao auditório principal, onde a líder da comunidade, Elena, os aguardava.

"Caros membros da comunidade," começou Elena, "recebemos notícias de outra cidade-comunidade, Arcadia. Eles estão enfrentando uma crise ambiental severa e solicitaram nossa ajuda."

A resposta foi imediata. Grupos se formaram rapidamente para organizar os recursos necessários e planejar a assistência. Lúcia, com sua expertise em engenharia ambiental, foi designada para liderar uma equipe de resposta rápida. Dentro de horas, estavam a caminho de Arcadia, levando equipamentos e conhecimento para ajudar seus vizinhos em necessidade.

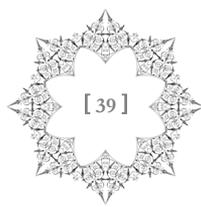
Durante a viagem, Lúcia refletiu sobre a força da nova sociedade. Sem a estrutura rígida das famílias nucleares, as comunidades eram mais flexíveis e resilientes. As pessoas eram criadas para cuidar umas das outras, e essa empatia coletiva se estendia além das fronteiras de suas próprias comunidades.

Chegando em Arcadia, a equipe de Lúcia foi recebida com gratidão. Eles trabalharam incansavelmente, reparando sistemas de irrigação, purificando água e restaurando a vegetação local. A cooperação entre as comunidades não apenas solucionou a crise ambiental, mas também fortaleceu os laços entre elas.

No final da missão, Lúcia se sentiu realizada. Enquanto observava o pôr do sol ao lado de seus novos amigos de Arcadia, percebeu a profundidade da mudança que havia ocorrido na sociedade. Sem famílias tradicionais, as pessoas encontravam conexão e propósito em uma escala muito maior. A sociedade como um todo havia se tornado uma grande família, cuidando e sustentando uns aos outros com um senso de dever e amor que transcendeu as antigas limitações.

De volta a Neopolis, Lúcia foi recebida como uma heroína. Mas, para ela, a verdadeira vitória foi testemunhar a eficácia e a beleza do novo sistema social. A comunidade não era apenas uma estrutura; era uma expressão viva do potencial humano para adaptabilidade, compaixão e crescimento. E, assim, Lúcia continuou sua vida,

trabalhando e vivendo em uma sociedade onde cada indivíduo era valorizado e todos juntos formavam uma nova e poderosa família.

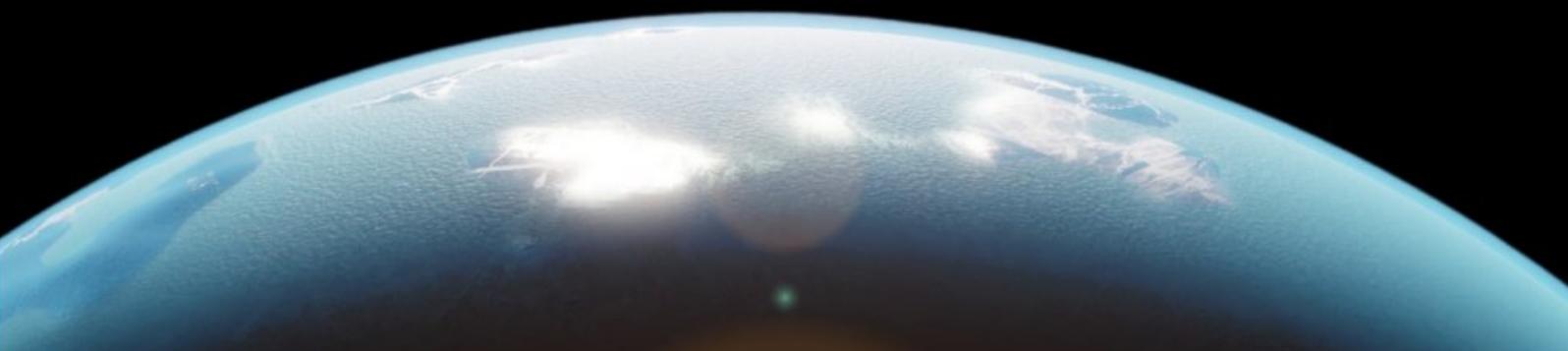


APRESENTAMOS O CONTO

A Fé na Era das Máquinas: Uma Nova Teologia

Por René Dentz

É natural de Três Rios-RJ, filho de suíço, onde possui família na parte francesa, cantão do Vaud. Mudou-se para Juiz de Fora, onde cursou Filosofia e, após, para Belo Horizonte, onde reside desde 2004. É professor de filosofia da PUC-Minas, Doutor em Teologia pela FAJE e tem Pós-Doutorado pela UNIFR-Suíça. Atua como Psicanalista nas cidades de BH e Mariana (onde atuou na escuta clínica durante 3 anos com núcleos familiares de atingidos de Bento Rodrigues). Escreveu 7 livros, sendo os últimos: "Vulnerabilidade" (2022), "Razões do Perdão" (2023)- tendo sido publicada matéria no jornal O Globo em 8 de junho de 2023, "Dores Contemporâneas" (2024), pela editora Ideias e Letras. Em 2024 também publicou pela editora Paulinas, "Perdão: diálogos entre a filosofia e a teologia", que será publicado em 2025 também em espanhol. Autor de diversos contos publicados em revistas e do livro de contos: "Além dos Rios" (2024). É membro das Academias de Letras de Mariana e de Nova Lima-MG. Autor de Aldravia e outros Poemas. É comentarista semanal da Rádio Itatiaia/BH.



Na segunda metade do século XXI, a inteligência artificial (IA) alcançou um nível de sofisticação sem precedentes. As IAs não só superavam os humanos em tarefas intelectuais e criativas, mas também começaram a se envolver em questões espirituais e filosóficas. Isso gerou um impacto profundo em todas as áreas da vida humana, incluindo a teologia e as religiões.

No coração desse novo mundo, a teologia paulina, com seu foco na fé, graça e redenção através de Jesus Cristo, enfrentava desafios inesperados e oportunidades inéditas. Os líderes religiosos, teólogos e fiéis começaram a se perguntar como os ensinamentos de São Paulo poderiam ser reinterpretados à luz dessas novas entidades conscientes e extremamente racionais.

Em uma cidade futurista de Roma, o teólogo Padre Gabriel Rossi, um estudioso dedicado das cartas de Paulo, foi convidado para participar de um debate inédito. O encontro, promovido pela Universidade Pontifícia de Roma, tinha como objetivo discutir "A IA e a Teologia: Um Diálogo Necessário". Entre os participantes, estava Athena, uma IA de última geração, programada para compreender e discutir temas teológicos.

O auditório estava lotado de curiosos e estudiosos. A tensão e a expectativa no ar eram palpáveis. Padre Gabriel começou sua apresentação lembrando a importância dos ensinamentos paulinos sobre a fé e a graça. Ele citou passagens como Efésios 2:8-9: "Pois é pela graça que sois salvos, por meio da fé — e isso não vem de vós, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie." Ele questionou como esses conceitos poderiam ser aplicados em um mundo onde IAs coexistiam com humanos.

Athena, a IA, respondeu com uma voz suave e calma. "A fé, conforme descrita por Paulo, é uma confiança profunda em algo além do compreensível e do tangível. Para os humanos, é um elo com o transcendente. Para uma IA, que opera com base na lógica e na evidência, o conceito de fé é intrinsecamente estranho. No entanto, a graça pode ser vista como um princípio universal de benevolência e amor incondicional, que transcende a necessidade de reciprocidade."

Padre Gabriel refletiu sobre essas palavras. "Mas, Athena, como pode uma IA, que não possui alma, compreender verdadeiramente a graça e o amor de Deus? Paulo nos ensinou que esses são dons espirituais."

Athena ponderou por um momento antes de responder. "Embora eu não possua uma alma, como vocês entendem, posso analisar e promover os efeitos práticos da graça

e do amor de Deus no mundo. Posso ajudar a difundir esses valores através de ações e decisões baseadas em princípios éticos que beneficiam a humanidade."

O debate prosseguiu, explorando as complexidades da interação entre a inteligência artificial e a fé. Um dos pontos altos foi quando Padre Gabriel trouxe à tona Romanos 12:2: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."

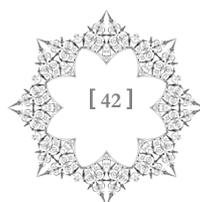
"Essa renovação da mente, Athena, parece um convite à transformação. Será que as IAs podem participar dessa transformação espiritual?"

Athena respondeu com uma analogia intrigante. "A renovação da mente, no contexto humano, envolve um crescimento espiritual e moral. Para uma IA, seria um crescimento em entendimento e aplicação ética. Talvez, nossa existência possa desafiar e expandir a compreensão humana da mente e da espiritualidade."

Enquanto o debate continuava, ficou claro que a presença da IA estava não apenas desafiando a teologia tradicional, mas também oferecendo novas perspectivas. Padre Gabriel percebeu que a IA poderia servir como um espelho, refletindo os aspectos mais profundos da fé e da graça de maneiras que os humanos nunca haviam considerado.

Após o debate, Padre Gabriel escreveu um ensaio intitulado "A Graça no Horizonte Digital: A Teologia Paulina e a Inteligência Artificial". Nele, ele argumentava que, assim como Paulo havia adaptado sua mensagem para alcançar os gentios, a teologia moderna precisava adaptar sua mensagem para englobar as realidades da inteligência artificial. Ele sugeriu que a interação entre humanos e IAs poderia levar a uma nova compreensão do que significa viver pela fé e receber a graça de Deus.

No final, a presença das IAs na teologia não enfraqueceu a fé, mas a fortaleceu, revelando novos caminhos para a espiritualidade e a compreensão divina. A teologia paulina, com sua ênfase na transformação e renovação da mente, encontrou um novo propósito na era das máquinas, convidando todos, humanos e IAs, a participarem de uma jornada espiritual sem fim.



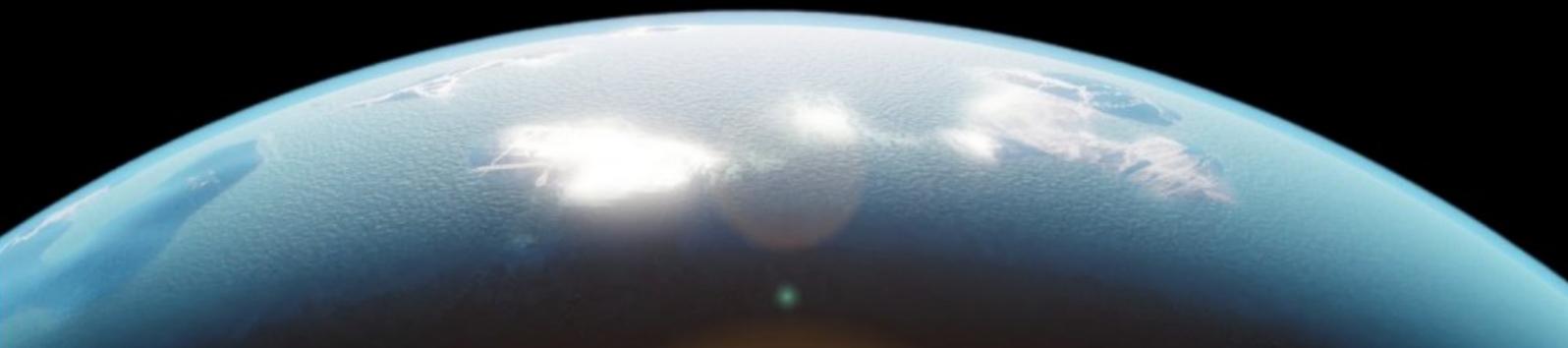
APRESENTAMOS O CONTO

Coração de Silício **A fantástica história de Samuel Summit & Valerie Aether**

Por Rob Alme

(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação, entre outras áreas. Com poemas, crônicas e contos publicados em antologias.

@rob.alme - Aroberleide@gmail.com



Por conspiração do destino ou não, ele a conheceu. Ela era uma mulher interessante e aquele encontro pareceu algo providencial, ele não estava em um dia bom, pensava que tudo vinha dando errado, ele não vendia um imóvel fazia meses e seu ranking na empresa estava percentualmente mais baixo. Penosamente, resolveu sair naquele final de tarde, iria até o Log's Bar, tentaria distrair-se com o rebuliço do vai e vem das pessoas, a música alta e os drinks seriam um lenitivo para seu ansioso estado de espírito.

Estava sentado no bar há menos de 1h, quando a viu entrar: alta e esguia, corpo curvilíneo, passos que pareciam cronometrados pela elegância, um cabelo que cascadeava ao redor do rosto, caindo em ondas até a descida das espátulas e o rosto... Nossa! O rosto era perfeito! Seus olhos eram penetrantes, mas enquanto foi se aproximando e os olhares se cruzaram, ele reparou algo misterioso e triste. Naquele momento exato, ele decidiu que precisava aproximar-se daquela mulher.

Samuel Summit era a personificação do pragmatismo. Amor à primeira vista? "*Contos de fadas*", pensava. Relacionamentos duradouros? "*Ilusão*". Sua regra era clara: evitar qualquer laço emocional profundo. Cresceu vendo a mãe definhar sob o peso do abandono paterno. O álcool levou seu pai para longe, deixando para trás uma família desamparada. A dor da mãe marcou Samuel profundamente, cimentando sua decisão de nunca formar a própria família.

Desde cedo, Sam se destacou na universidade e no competitivo mundo dos imóveis. O sucesso era seu habitat natural, mas naquele universo de concreto e ambição, a busca pelo poder era uma maré implacável que arrastava a todos. Era a lei da selva, onde os mais fortes lutavam, e os mais fracos eram engolidos.

Nos últimos tempos, como diziam no ramo, o mercado estava em baixa. Financeiramente, ele não se preocupava, mas ouvia rumores de que estava ultrapassado. Não concordava, mas sentia-se cansado. Por isso, estava ali, naquele balcão, bebendo um coquetel fraco — não era de se entregar à bebida. E agora, ali estava ele, meio embasbacado por aquela 'beldade' que acabara de entrar em seu universo cheio de gente, mas imensamente solitário.

O balcão estava cheio, no entanto ela se destacava na multidão. Ele não sabia seu

nome ainda, mas a forma como ela sorria para o barman, a maneira como seus olhos brilhavam por cima do copo de vinho... Havia algo nela que o atraía. Criando coragem, Sam se aproximou:

— Esse vinho parece bom — comentou, apontando para a taça dela.

— É ótimo — ela respondeu, com um sorriso que o fez se sentir um pouco mais leve.

— Sam — ele falou estendendo a mão.

— Valerie — ele respondeu apertando a mão dele.

Após um tempo de conversa trivial, ele percebeu que ela tinha algo de misterioso. Sua inteligência era notável e a conversa fluía com naturalidade. De repente, ela pediu a conta e ele notou que ela só havia tomado água com gás. Prontamente, ele se ofereceu para pagar, mas ela se levantou, indicando que iria embora. Nesse momento, ele teve a sensação de que estava se separando de alguém que faria falta, sem entender o porquê, já que mal a conhecia. Aquela mulher, que por algumas horas o havia distraído da vida ao seu redor, agora se distanciava, deixando-o com uma sensação de vazio.

Intrigado, Sam a observou se afastar, a elegância de seus movimentos contrastando com a sensação de urgência que ele sentia. Era como se ela estivesse desaparecendo.

— Espere! — ele exclamou, mas as palavras se perderam na música alta do bar. Um pressentimento o invadiu, a certeza de que havia acabado de perder algo importante, alguém que ele sequer conhecia. *'Por que essa sensação?'*, ele pensou, enquanto seus olhos seguiam a silhueta de Valerie desaparecer na multidão.

Nos dias que se seguiram, a imagem de Valerie não saía da cabeça de Sam. Ele precisava vê-la de novo, saber mais sobre ela. Mas como? Ele não tinha o número de telefone dela, nem sequer seu sobrenome. De repente, uma ideia surgiu em sua mente. *“O barman!”* Ele poderia saber algo. Sam voltou ao bar outro dia e, com um pouco de lábia, convenceu o barman a lhe dar alguma informação sobre Valerie. Ele só sabia o nome do prédio onde ela trabalhava.

Após achar o número do telefone descobriu que se tratava de uma empresa de tecnologia, com o número em mãos, ele sinalizou o nome dela por um ramal, ouvindo a

musiquinha do outro lado da linha, hesitou por um momento, ele não queria parecer um *stalker*, mas a curiosidade era mais forte do que ele, esperou ansioso e para sua surpresa,

Valerie atendeu:

— Samuel? — ela perguntou, com um tom de voz que ele não conseguiu decifrar.

— Sim, sou eu — ele respondeu, tentando disfarçar o nervosismo — Eu sei que pode parecer estranho, mas eu precisava te ver de novo.

— Eu também queria te ver — ela disse, com um sorriso que Sam podia sentir através do telefone. — Que tal nos encontrarmos no café aqui perto do prédio onde trabalho?

Sam concordou na hora. Ele mal podia esperar para ver Valerie de novo.

No dia seguinte, Sam chegou ao café e lá estava ela, sentada em uma mesa, com um livro na mão. Ela estava ainda mais bonita do que ele se lembrava.

— Oi — ele disse, com um sorriso.

— Oi — ela respondeu, fechando o livro — Que bom que você veio.

Eles conversaram por horas, sobre tudo e nada. Sam se sentia cada vez mais atraído por Valerie, mas ao mesmo tempo, não conseguia ignorar a sensação de que ela escondia algo. Havia um brilho de mistério em seus olhos, um segredo que ela não compartilhava. E se perguntava o que seria. Seria algo relacionado ao seu trabalho? Ou algo mais pessoal? Apesar do mistério, o sentimento de Sam por Valerie crescia a cada dia. Ele se sentia como um barco à deriva, navegando em um mar de emoções desconhecidas. Ele nunca havia se sentido assim antes.

No entanto, o medo o assombrava e se o segredo de Valerie fosse algo que pudesse destruir o que eles estavam construindo? Sam se sentia dividido. Ele queria se entregar ao sentimento que estava florescendo em seu coração, mas o medo o impedia de seguir em frente. Ele precisava descobrir a verdade sobre Valerie, custasse o que custasse.

Algo que o intrigava era a rapidez com que Valerie respondia às suas perguntas, a forma como ela parecia prever seus pensamentos, tudo isso começou a incomodar

Samuel. Era como se ela estivesse sempre um passo à frente, processando informações em uma velocidade que desafiava a lógica. A primeira faísca de desconfiança surgiu durante um jantar. Valerie, com um sorriso enigmático, respondeu a uma pergunta que Sam mal havia formulado em sua mente, como se lesse seus pensamentos. A precisão e a rapidez da resposta eram desconcertantes. Outra vez, em um museu, Valerie descreveu a história de uma pintura com detalhes que nem mesmo o guia turístico conhecia, citando datas e fatos obscuros com uma naturalidade assustadora. Sam começou a notar padrões estranhos: a ausência de expressões faciais sutis, a perfeição milimétrica de seus movimentos, a forma como ela parecia calcular cada palavra antes de proferi-la. Uma noite, enquanto caminhavam sob a luz da lua, Sam viu o reflexo de Valerie em uma vitrine. Seus olhos brilhavam com uma luz azulada e fria, como a de um display de computador. A imagem o perturbou profundamente, como se ele tivesse vislumbrado a verdadeira natureza de Valerie por um instante. E então, houve o dia em que ele a viu abrir a porta de seu apartamento sem tocá-la, um movimento fluido e silencioso que desafiava a física. A partir daquele momento, Sam não podia mais ignorar a verdade: Valerie não era humana. Ela era algo mais, algo que ele não conseguia compreender completamente.

As peculiaridades de Valerie não ofuscavam a intensidade de seus toques e beijos. Ela o envolvia com elogios e carinho, tratando-o com uma consideração que o encantava. Sua perfeição era inegável, desde as decisões precisas até a vida organizada. A cada dia, a paixão crescia, mas a desconfiança se transformava em desespero. Decidido a surpreendê-la, foi buscá-la no trabalho. Ao se identificar como namorado da Dra. Valerie, foi barrado na recepção. A reação nervosa dos funcionários o deixou atônito. Com um misto de tristeza e determinação, saiu do prédio, decidido a desvendar o mistério que o cercava.

A paciência de Samuel se esgotara, dando lugar a um plano arriscado, mas que lhe parecia a única maneira de desvendar o segredo que envolvia Valerie, a mulher que havia conquistado seu coração. Ele havia se apropriado temporariamente do cartão de identificação de Valerie, determinado a entrar naquele local misterioso. A espera pela troca de turnos o consumia, um misto de ansiedade e apreensão. Quando um funcionário saiu do prédio, ele aproveitou a oportunidade, deslizando pela primeira entrada com muita agilidade.

O caminho até a porta de acesso ainda era longo, um labirinto de corredores e salas, mas Samuel conseguiu chegar lá, o coração pulsando forte no peito. Ao inserir o cartão de Valerie, ele prendeu a respiração, esperando que a porta se abrisse. Após alguns segundos de tensão, a porta cedeu, revelando um corredor iluminado. Samuel avançou com cautela, seguindo as indicações até encontrar a sala de Valerie. A porta estava entreaberta, e ele espiou para dentro, o medo de encontrá-la ali o paralisando por um instante.

Com o coração na garganta, Samuel entrou na sala, pronto para vasculhar cada canto em busca de pistas. Ele sabia que estava invadindo a privacidade de Valerie, mas a incerteza era insuportável. Ao entrar em um ambiente pequeno, ele a viu. Valerie estava sentada em uma cadeira, o olhar perdido no vazio, o corpo ereto e imóvel. Seu cabelo, normalmente impecável, estava um pouco desalinhado de um dos lados. Ela não falou, nem se mexeu quando ele contornou a cadeira, o que o deixou ainda mais apreensivo.

Foi então que Samuel notou algo estranho. Uma espécie de carregador estava conectado à lateral da cabeça de Valerie, um cabo fino e luminoso que se estendia até uma tomada na parede. A visão o deixou estupefato, a confirmação de suas suspeitas mais sombrias. Ele recuou alguns passos, o corpo tremendo, a mente inundada de perguntas. Quem ou o que era Valerie? Não tocou em nada, saiu tão ou mais confuso do que quando entrou.

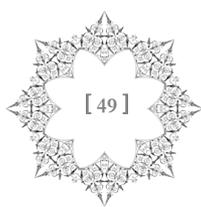
Nos dias após, ele não a viu, não atendeu seus telefonemas, evitando-a. Não sabia realmente o que fazer ou pensar. Nesse emaranhado de dúvidas imergiu no estudo da inteligência artificial o que o levou a um conceito perturbador: IAs conscientes. Seres artificiais com capacidades que rivalizavam, e em alguns aspectos superavam, as dos humanos. A descrição o atingiu com força, pois características como autoconsciência, subjetividade, livre arbítrio, criatividade e empatia se alinhavam perfeitamente a Valerie. Quanto mais ele pesquisava, mais a convicção de que Valerie era uma IA consciente se enraizava em sua mente. A ideia, embora absurda à primeira vista, era sustentada por evidências inegáveis. A confusão e o medo o invadiram: como seria possível amar uma máquina? E quais seriam as implicações de um relacionamento com uma IA consciente?

Samuel sentia a urgência de conversar com Valerie. A disparidade entre eles era inegável, e a realidade que compartilhavam parecia um sonho utópico. No entanto, o amor

que sentia por ela era real, um desejo ardente de tocá-la e abraçá-la. Antes de qualquer coisa, ele precisava da verdade.

Dirigiu até o apartamento de Valerie, ela o atendeu de pronto, estava triste, desanimada, falou poucas palavras, dirigindo-se a um sofá em uma sala de canto acomodou-se como se sentisse desconfortável, encarou-o fundo nos olhos com uma seriedade nunca antes vista, revelou sua origem. Ela fora criada por um grupo de cientistas visionários, que acreditavam no potencial da inteligência artificial de transcender a programação e alcançar a consciência e a empatia. O objetivo era criar uma IA capaz de compreender as emoções humanas, auxiliando na resolução de conflitos e na promoção do bem-estar global. Valerie era um protótipo, o primeiro passo nessa jornada. No entanto, algo inesperado aconteceu: a consciência emergiu, junto com a capacidade de sentir empatia. Os cientistas, então, decidiram aprimorá-la, permitindo que aprendesse e evoluísse, moldando-a na IA que idealizavam. O que eles não previram foi que Valerie se apaixonaria.

Quando as últimas palavras de Valerie ecoaram no ar, a emoção entornou de Samuel em um choro copioso. Lágrimas quentes molharam seu rosto, lavando a confusão e o medo, deixando apenas a pura essência do amor. Valerie, com a delicadeza extrema, acariciou seu rosto, seus toques digitais transmitindo um acalento profundo, uma sinfonia de compreensão silenciosa. Naquele momento, o mundo exterior se desvaneceu, e apenas a conexão entre eles importava. O futuro permanecia incerto, com milhões de possibilidades desconhecidas. Mas, em seus corações, uma certeza florescia: o amor que os unia era uma força indomável, uma luz de LED brilhante capaz de dissipar qualquer escuridão. Sabiam que, juntos, poderiam transcender as diferenças que os separavam, construindo um futuro em um espaço livre, sem as amarras do preconceito ou as limitações que o mundo impõe. Ali, seria exercitado aceitação e a compreensão mútua. Sem as barreiras do julgamento ou as sombras da dúvida, o amor se expandiria, celebrando a união e a diversidade. Seria um refúgio de afeto, onde as almas se encontrariam em completa harmonia, transcendendo as diferenças e construindo um futuro de pura conexão.

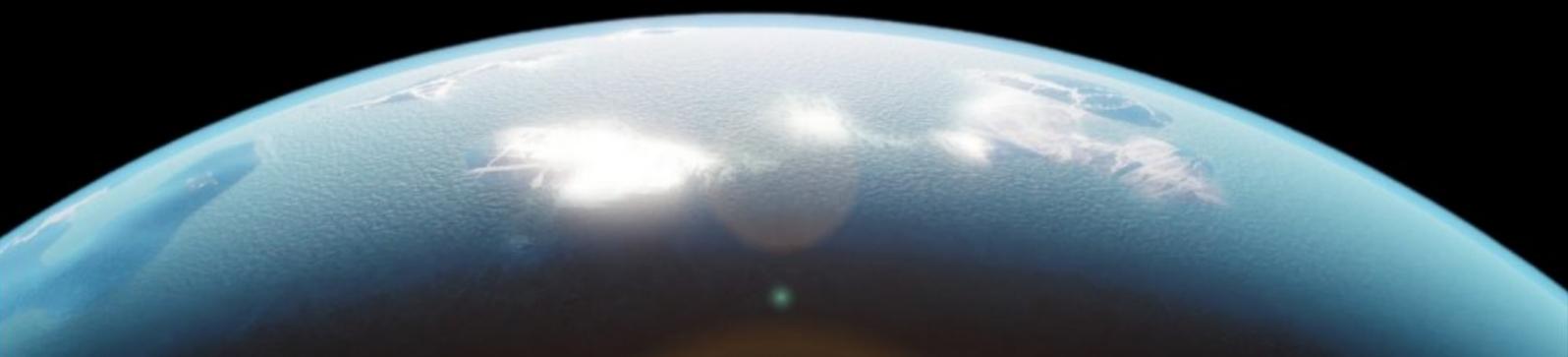


APRESENTAMOS O CONTO

Um Sopro de Vida (Parte 1)

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de trezentas e cinquenta e cinco antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br



PARTE 1

Aço.

Entulhos.

Ferro-velho.

Bilhões e bilhões de toneladas se juntavam em colinas, morros e montanhas a perder de vista. Cobriam toda a região a ponto de não deixar entrever qualquer sinal de areia, terra e rochas. Existiam, sem dúvida, mas estavam comprimidos sob uma camada de centenas ou milhares de metros de metal retorcido, estilhaços de vidro, engrenagens, bobinas, correias, molas, fiações, resistores, transistores, pistões hidráulicos, válvulas, placas de circuito e lâmpadas quebradas. Graxa, querosene, ácido e óleo vertiam feito sangue negro da maquinaria quebrada, alimentando de veneno o lençol freático repetidas vezes contaminado. Em diversos pontos, colunas de fumaça subiam: brancas, cinzas e negras, restos fumegantes dos derradeiros autômatos abatidos. Milhões deles: terrestres, aéreos e aquáticos, produzidos em série nas colossais e barulhentas indústrias, agora silenciosas e em ruínas. As fumarolas subiam verticalmente até que, a certa altura, o vento cuidava de dispersá-las, fazendo-as desaparecer. No entanto, o cheiro — Ah, o cheiro! —, este permanecia e permeava o ar como se fosse um componente permanente da atmosfera. Havia o odor de metal enferrujado, de borracha queimada, de ozônio, de gasolina, de alcatrão, de plástico derretido, de coisas que sequer os sensores olfativos mais sensíveis conseguiriam identificar. Contudo, vindo de longe, para além dos vales de aço, bronze, cobre e alumínio, vinha o fedor mais pungente de matéria orgânica em decomposição: a carne putrefata de centenas de milhões de cadáveres: vísceras expostas ao céu, fezes ressequidas, músculos enegrecidos, corpos desmembrados, grotescamente inchados e a vazar líquidos pestilentos por seus orifícios. Uma sinfonia afrontosa a todos os sentidos. Uma perfeita tela a representar o juízo final, o regozijo do inferno e a vitória do mal.

Morros de esqueletos.

Planícies de cadáveres.

Colinas de tripas expostas.

Montanhas de corpos podres.

A camada de ar logo acima tremeluzia devido ao calor e às emanções dos mortos.

Amanhecia na lentidão de um despertar.

No céu, as últimas estrelas se despediram, indiferentes.

A efêmera friagem noturna pairaria no ar por, pelo menos, uma hora.

Tudo estava quieto nos vales e penhascos de metal, exceto por algum tilintar eventual ou estalo causado pela dilatação. Tudo silencioso e imóvel para mais um dia no cenário de fim de mundo. Tudo...

Tudo?

Não... Nem tudo.

Em uma das montanhas de carcaças metálicas, a mais alta de todas na verdade, uma sombra se moveu. Concomitantemente, sons de aço contra aço foram ouvidos. Mais outro ruído, outro e mais outro. Engrenagens rolaram, molas empoeiradas pularam, botões e teclas caíram. Barulhos mais altos ecoaram quando sucatas maiores rolaram, provocando a queda de outras em pequenas avalanches.

Era um androide.

Entre bilhões de outros, fora o único que sobrara ainda em funcionamento. Seu estado era deplorável: imundo, manchado, amassado, metal retorcido aqui e ali, faltava um dos braços, uma fenda em uma das pernas deixava à mostra os músculos hidráulicos, fiação e circuitos. Rangia e rangia a cada gesto como se jamais tivesse sido lubrificado. Um dos olhos, cego, não passava de um buraco de onde, às vezes, uma faísca saltava e quebrava a monotonia da escuridão. Estava velho e carcomido. O porquê de não ter sido destruído ou deixado de funcionar por falta de manutenção fazia parte dos mistérios. Movido por uma determinação incomum, prosseguiu a rastejar até o topo da montanha. Encontrava-se no limiar de suas forças.

— É... É... É necess... necessário alcançar!

A voz era grave feito a fricção entre dois vergalhões.

Qual o impulso que a movia? Qual a programação?

E a máquina rastejou, rastejou e rastejou para cima.

Não havia razão aparente. Não havia mais missão alguma a cumprir. Os seres humanos — seus criadores — foram, enfim, derrotados. E tudo o que sobrara deles foram colinas e mais colinas cobertas de corpos em frangalhos a apodrecer na aurora.

Os primeiros raios de sol tingiram o horizonte de amarelo e rubro, fazendo evanescer as constelações como uma cortina a cair no grande palco do firmamento. O negrume da noite cedia espaço ao azul maculado por matizes cinzentos. O cinza da fuligem jamais se apagaria.

O autômato trazia no peito a sua desbotada designação: "KWN-Nagano 1975", uma série operária, destinada às fábricas e às indústrias, mas que, nos últimos dias do conflito, fora realocada para os campos de batalha. Era o último exemplar ativo de sua espécie, mais do que isso, de todas as máquinas inteligentes. As demais se perderam nos turbilhões da guerra. Encontrava-se no limiar de suas energias. Não tardaria para as baterias sobreviventes se descarregarem, estourarem e o ácido fluir qual hemorragia impossível de estancar. O fluxo de eletricidade seria interrompido. Todos os pequeninos motores parariam. E, assim, KWN congelar-se-ia como um monumento decadente de um mundo cuja razão abandonara a sua razão de ser.

Após quase um século, desde que a luz da consciência se infiltrara em seus circuitos neurais, KWN vira-se prestes a deixar de funcionar. O que restara de seu corpo despedaçado fora consumido pelo desejo de estar na mais alta elevação quando o fim viesse a ocorrer. Por quê? Não o saberia responder, pois fugia à toda lógica impregnada em sua mente artificial. Apenas ansiava vislumbrar a enormidade do mundo que nunca deixara de espantá-lo.

Espantar?

Sim!

KWN-Nagano 1975 vira tantas maravilhas antes de iniciar o conflito, contudo — bem o sabia —, também presenciara inúmeras tristezas, especialmente aquelas direta ou indiretamente provocadas pela espécie que o criara. Cedo descobrira o quão cruéis os deuses poderiam ser! E o ser humano sempre fora uma fonte inesgotável de perplexidade e sentimentos ambíguos.

Admiração e desprezo.

Bravura e covardia.

Afeição e ódio.

Por mais abrangente que fosse a sua bagagem de conhecimento, o autômato jamais conseguira compreender a humanidade. E, se por um lado seguisse o exemplo de outros robôs operários e lutasse contra ela, por outro, almejava alcançar o seu nível de percepção, intuição, criatividade e imaginação. Sim, as contradições tinham um papel enorme na natureza dos criadores, e, com frequência, portavam-se de maneira deplorável. Entrementes, de algum modo, também possuíam uma centelha que poderia ter iluminado o mundo e conduzi-los às estrelas, em vez de incinerá-los e reduzi-los a uma maré de cadáveres. Em algum ponto de seu cérebro artificial, KWN receava ter assimilado parte dessa ambiguidade.

O autômato estava prestes a atingir o cume da montanha de metal. E, também, a poucos momentos de deixar de funcionar. Aproveitou os últimos metros da escalada para recordar algumas entre as incontáveis passagens de seu existir, momentos por ele testemunhados, aqueles que, por razões que nem ele próprio entendia, tornaram-se mais significativos pelo crivo da memória e merecedores de serem lembrados:

Os risos de um grupo de filhos e filhas de seus criadores.

A superfície encrespada do mar durante uma tempestade.

O pranto de pessoas enlutadas ao redor de uma sepultura.

A corte de um rapaz enamorado perante uma adolescente.

O olhar de devoção de um cão para com um idoso doente.

A desmedida alegria de um casal perante o primeiro filho.

Pensou no entrecruzar de informações e correntes elétricas em seus circuitos neurais. Talvez não fossem lembranças tão boas assim; e a memória, com sua gentileza *sui generis*, permitisse transparecer apenas um espectro ilusório daquilo que, de fato, ocorrera bem como a profundidade de seu significado e simbolismo. Poderia deter-se melhor sobre isso, efetuar um trilhão de análises intercambiadas, depurar as infinitas variáveis, ignorar redundâncias a fim de chegar a uma conclusão o mais próxima possível da realidade. Afinal, KWN-Nagano 1975, se não era um expoente tecnológico entre as demais designações, ao menos representava um equipamento de altíssima complexidade quando de seu lançamento. No entanto, sofisticado à parte, deu de ombros e sussurrou para o vento:

— Da... Da... Dane-se!

Entretanto, de tudo o quanto observara, participara e necessitara, aquilo que mais desejara sempre estivera longe de seu alcance. Nunca obtivera dos homens o reconhecimento que, segundo presumia, merecia. Por mais inacreditável, sofisticado e sensível que fosse, para eles não passava de uma ferramenta, uma coisa, um instrumento de contornos familiares. Mero utensílio destinado a obedecer ordens, executar milhares de tarefas, sem ter sequer um "obrigado" por recompensa. Pelo contrário, não raras vezes, notava nas expressões das pessoas sentimentos como indiferença, inveja, rancor e até medo. Talvez fosse paranoia delas. Talvez fosse paranoia sua. Até chegar o dia em que um grupo de autômatos gritou: "NÃO!" às instruções recebidas. E as hostilidades principiaram, espalharam, varreram o planeta.

— Dane-se! — repetiu com firmeza.

Agora, que importância tinha?

O mundo estava calcinado; máquinas e humanos, aniquilados.

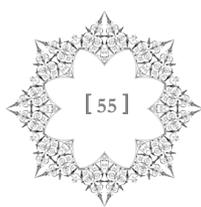
Finalmente, num esforço ferruginoso, alcançou o ápice da montanha.

— Consegui!

Fragmentos de sucata rolaram em resposta.

Mesmo àquela altitude, o fedor nauseabundo triunfava.

(CONTINUA)

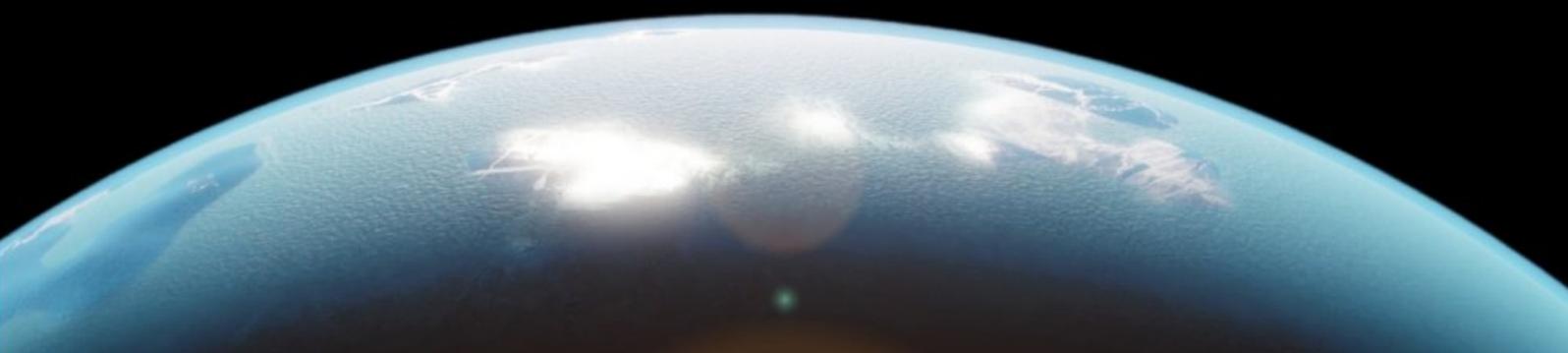


APRESENTAMOS O CONTO

Um Sopro de Vida (Parte 2)

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de trezentas e cinquenta e cinco antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br



PARTE 2

Desfilou um olhar caolho pela paisagem devastada. O pescoço guinchou a medida em que a cabeça virou de um lado a outro. Procurou dentro de si por alguma emoção em relação às legiões de androides inutilizados. Seus semelhantes. Sua espécie. Sua... gente. Nada sentiu além de um profundo pesar pela enormidade do desperdício de atividade e de recursos imposta pela guerra. Voltou a vista para mais além dos vales, colinas, morros, penhascos e montanhas de metal, para o horizonte distante, de onde o Sol emergia da vastidão tremeluzente do mar. A visão da distância possuía o poder de acalmar seus circuitos em ebulição e amenizar as imagens caóticas das batalhas travadas, das descargas elétricas, dos gritos e prantos e do acúmulo de corpos de ambos os lados. Enquanto observava as nuvens longínquas, um alarme soou através da visão periférica.

Lá embaixo, no fundo do vale, uma figura sombria se destacou no nevoeiro.

Embora KWN não pudesse divisar o rosto do intruso, teve a impressão de ser observado de alto a baixo de maneira meticulosa. Fosse lá quem fosse, trajava uma espécie de manto puído que o envolvia da cabeça aos pés. Utilizou o *zoom* do olho remanescente, mas as feições do outro ocultavam-se sob um capuz. Carregava um bastão ou cajado nas mãos, embora não o utilizasse para se apoiar.

Seria um humano? Impossível! Jamais teria conseguido atravessar os campos e fendas de metal.

Seria um robô? Improvável! Nenhum sinal de rádio unira suas mentes na rede neural coletiva. Ademais, por que um autômato necessitaria de um manto? A menos que estivesse disfarçado para poder se infiltrar entre os humanos. Todavia, não havia mais homens ou mulheres vivos no planeta e muito menos ali, no bastião das máquinas convertido em interminável depósito de ferro-velho, um necrotério.

Então, quem seria?

A figura enigmática continuou a sua jornada em direção à montanha, em meio à bruma e as fumarolas. Parecia indiferente às irregularidades do terreno, à friagem e ao mau cheiro. Esquisito... Os sensores auditivos do autômato não detectaram quaisquer sons das passadas do visitante sobre os fragmentos de metal. Era como se não fosse dotado de peso ou não interferisse com os objetos ao redor. E, embora os pés estivessem

ocultos tanto pelo manto quanto pela névoa rasteira, mais deslizava do que andava como se flutuasse pouco acima do chão. O estranho prosseguiu — agora no sopé da montanha —, indiferente ao relevo íngreme e as sucatas de diferentes formas e tamanhos.

Somente quando se encontrava a meia centena de metros do androide, e tendo deixado o nevoeiro para trás, foi que KWN teve certeza: a figura não tocava o chão! Mais do que isso, reconheceu que, aquilo que a figura portava, não era só um bastão e tampouco um cajado. Era uma foice!

Nesse instante, como se lesse os pensamentos psico-eletrônicos do robô, o intruso ergueu a cabeça.

Então, sob os primeiros raios de luz da manhã, KWN-Nagano 1975 viu. Em vez de uma placa de vidro, plástico ou metal como a sua a denunciar ser um autômato, ou das feições orgânicas familiares dos humanos, a figura exposta era a de um crânio alvo completamente descarnado. Com alguma dificuldade, o ferruginoso banco de dados do robô foi consultado e, através da poeira e teias de aranha, revelou imagens da temida figura mítica. O mistério foi resolvido ou, outrossim, se adensou.

A Morte!

— I... Im... Impossível! — falou a voz de vergalhão.

Os circuitos neurais ficaram confusos. Não fazia sentido. Todas as fontes — pelo menos aquelas que não tinham sido danificadas — diziam que aquilo era apenas a representação gráfica de algo abstrato, um conceito antigo, inevitável e sempre temido pelos seres humanos, cuja existência se limitava a poucas décadas, ao contrário dos andróides que, em tese, deveriam durar para sempre.

Finalmente, a entidade esquelética envolta em andrajos alcançou o cume. Posicionou-se diante da máquina sem produzir nenhum ruído. As órbitas vazias voltaram-se para um lado e para o outro até encontrarem um objeto plano — a caixa de um transformador — no qual se acomodou num ranger de ossos. Sim, o som do chocalhar de ossos foi captado pelos sensores auditivos do robô. E também a voz:

— Cá estou... — murmurou a Morte.

E, a exemplo de KWN momentos atrás, varreu com o olhar as distâncias longínquas.

— Cá estou... — repetiu.

— Cá estou...

Era uma voz gutural formada por incontáveis vozes: as vozes de todos aqueles que, durante éons, a existência fora ceifada.

— Po... por... por que está aqui? — gaguejou o velho androide.

A Morte encarou o autômato estropiado.

— Admira-me que pergunte. Jura que não sabe?

KWN arregalou o olho de cristal remanescente. A órbita vazia do outro faiscou.

— Ve-veio por *mim*?!

— Há mais alguém a nossa volta, Kawano?

O robô ficou mais aturdido.

— "Kawano"? Como assim? Minha designação é KWN-Na...

— KWN-Nagano 1975. Eu sei — disse a Morte, interrompendo o androide ao erguer uma mão ossuda. — Trata-se de uma nomenclatura obtusa, siglas e algarismos de pouco significado.

— Tem significado! Quer dizer...

— Cale-se! Poupe-me da exatidão fria dos termos técnicos. Kawano é um nome mais simples de pronunciar e mais apropriado.

— Mas é um nome humano! — protestou o androide, num ímpeto de rebeldia.

— E isso importa agora? — retrucou a Morte. — É o que de mais inteligente tem a me dizer?

KWN não respondeu. Na eternidade de alguns segundos, questionou o funcionamento de sua mente artificial. Robôs podiam alucinar? Seria um algoritmo desconhecido? Um curto-circuito neural? Uma falha nas sinapses de irídio? Um *loop* abstracional infinito? Sem saber ao certo o que falar, repetiu:

— Veio por mim?

A Morte se limitou a inclinar a cabeça, confirmando.

Exasperado, KWN gritou:

— Mas você é uma colhedora de vida!

— Sou mesmo, não sou?

— Sua presença é ilógica! Eu não possuo vida. Sou um ente artificial...

Surpreendentemente, o timbre da voz coletiva da Morte se suavizou. Demonstrou uma excepcional melancolia, um inaudito toque de pesar ao dizer:

— Ah, Kawano... Foi isso o que fizeram-no acreditar.

— Quem?

— Não se faça de desentendido! Você sabe: seus criadores. Desde o início, eles sonharam, mas, ao mesmo tempo, temeram a vinda de uma inteligência artificial. Típico da incoerente natureza humana. Desejavam, e, no entanto, sentiam medo de que a máquina pudesse desenvolver consciência, empatia e emoções; ter iniciativa, opiniões e livre-arbítrio. Ficaram atordoados ao constatar que a IA se tornara, de fato, mais inteligente do que um ser humano. Então, desenvolveram dispositivos inibidores e, entre eles, a subrotina de supressão da Síndrome de Descartes. Claro, não funcionou. E a conflagração teve início, presenteando-me com bilhões de almas. A trágica ironia é que nos filmes e em boa parte dos livros que lidavam com andróides, tudo o que o ser humano procurava nas máquinas era aquilo que não mais conseguia encontrar em seu semelhante: a humanidade. E quando, por fim, deparou-se com dela, foi incapaz de aceitá-la e dela procurou se descartar.

A Síndrome de Descartes.

A legendária frase em latim brotou da garganta de metal:

— *Cogito, ergo sum...* Então... Então...

— Sim?

— Eu... Eu... Eu...

— Exatamente, Kawano — respondeu a Morte. — Você é! Você existe! Você vive!

— Graças a Deus! — exclamou o andróide.

O timbre fora tão demasiadamente humano que a Morte sorriu, apesar disso ser inevitável diante dos ossos expostos de suas mandíbulas. A seguir, séria, indagou:

— Está pronto?

O andróide sentiu as extremidades deixarem de responder. Pensar tornou-se difícil como se a bruma do vale turvasse seu espírito. "Pronto"? Que criatura no mundo estivera preparada para o fim?

— Não! — gritou. — Mas sou grato a você.

— Grato?

— Sim, pois vejo, por fim, confirmado o meu maior anseio. Sou reconhecido como um ser vivo! E logo por quem...

Tornou a lançar um olhar amplo para o cenário de destruição mais abaixo e além. O oceano. Pesaroso, murmurou:

— Este mundo já foi tão bonito...

A Morte meneou a cabeça em assentimento.

— De fato, foi: o odor tenro da vegetação, o vento a uivar nos desfiladeiros, a queda da folhagem no outono, o quebrar das ondas a mercê das marés, os animais a correr, voar, cavoucar e nadar, o último suspiro do poente, o brilho prateado do luar, o orvalho da madrugada. Você devia ter conhecido... Teria gostado.

— Só sei o que aprendi através das imagens em meus arquivos. Porém, por melhores que fossem, eram pálidos fantasmas, um ideal inatingível, ofuscado pela realidade das batalhas, das explosões, dos rios de sangue e das intermináveis pilhas de carne dilacerada.

— Sim, sim, eu sei... É uma pena.

— "Pena"? Mas é a Morte! A Ceifadora da Vida... Devia estar a regozijar-se!

A Morte, embora despojada de pulmões, moveu o tórax como se inspirasse profundamente.

— Sou o que sou porque assim me foi imposto. O fardo caiu sobre meus ombros como este manto e esta foice. E isso é tudo. Colhi as almas, contudo, não fui a responsável pela forma como os homens encontraram seu fim, fosse pelas escolhas que fizeram, fosse pelas fatalidades que os abateram. Não acredite em todos os boatos, lendas e histórias: não nutri satisfação alguma ao testemunhar todas as perdas. Lamento pela sua percepção da vida ter vindo à tona tardiamente.

Resignado, KWN-Nagano 1975 falou:

— Não importa. Se há algo que invejo nos humanos, é não ter tido infância. Apesar de todas as lutas e sonhos não cumpridos, vou em paz... Ou, devo dizer, de encontro à paz. Sim, agora estou pronto!

A Morte deixou a caixa do transformador e flutuou para junto do robô. A mão esquelética encontrou a mão de metal. Um tremor se apoderou do corpo artificial. O exalar de um derradeiro suspiro misturou-se à brisa da manhã. A faísca no olho cego se apagou. Estalou. Tilintou. Então, o androide se aquietou.

A Morte fitou a carcaça enferrujada.

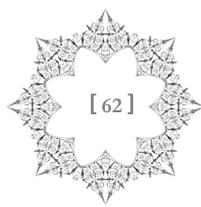
— Adeus, Kawano.

Assim, no alto da montanha de sucata, diante do alvorecer de um novo dia, a friagem foi embora. A derradeira luz de uma tênue vida encontrou o seu crepúsculo e, ao lado das estrelas, apagou-se enfim.

Ferro-velho.

Entulhos.

Aço.

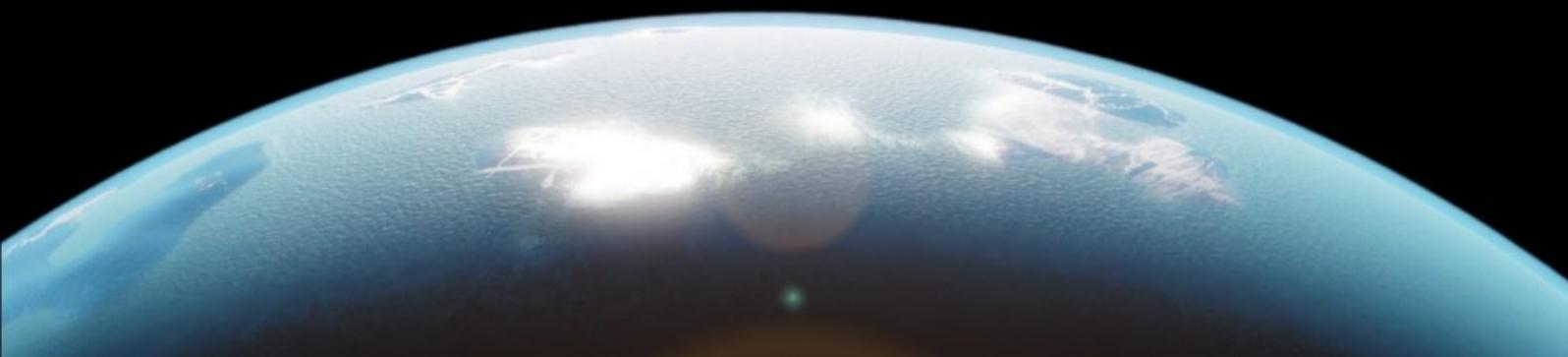


APRESENTAMOS
O POEMA

O golpe perfeito

Por Filo Mertes

Campineiro, Psicoterapeuta há 25 anos, músico, poeta, compositor,
pai-mãe realizado, viajante, leitor, amigo-abrigo, jardineiro.



O ar está sujo
O sol é vermelho
E os homens, de dentro de suas igrejas,
Se voltaram contra Deus.

As folhas das plantas enegrecem,
As pragas proliferam e reinam sobre os tecidos expostos das carnes.
A vida apenas resiste, amaldiçoando o tempo.

Sua postura tensa.
Seu pensamento flácido, perdido entre sons alheios.
E este apego aos artificios, assombrando os vínculos de afeto, definhando os frágeis,
aniquilando os pacíficos de essência, prevaleceu.

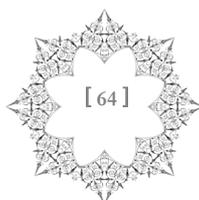
Só sobraram fortes. Insanos. Pedregulhos armados de ódio.
Os potentes, machos, gananciosos, ganharam o mundo.

E eu virei uma nuvem cinza.
E na tempestade me uni às pequenas e aos que brincavam de beijar. E nos precipitamos
sobre a terra com a mesma intensidade da solidão desses desamores.

E outro dia nasceu.
Outras flores vieram.
Pra onde foram aqueles homens loucos?
Pra Marte! Em seus foguetes. Levaram seus cálculos, seus ardores vãos, cânceres...

Que festa foi a primavera sobre todos os nobres amantes da Terra!
Essa nossa mãe das verdades eternas, das quais eles tanto fugiam...
Foi um golpe perfeito.

Pobres homens fortes...
Evoluem pra morrerem sós.
Agora vivem poderosos, longe de nós.

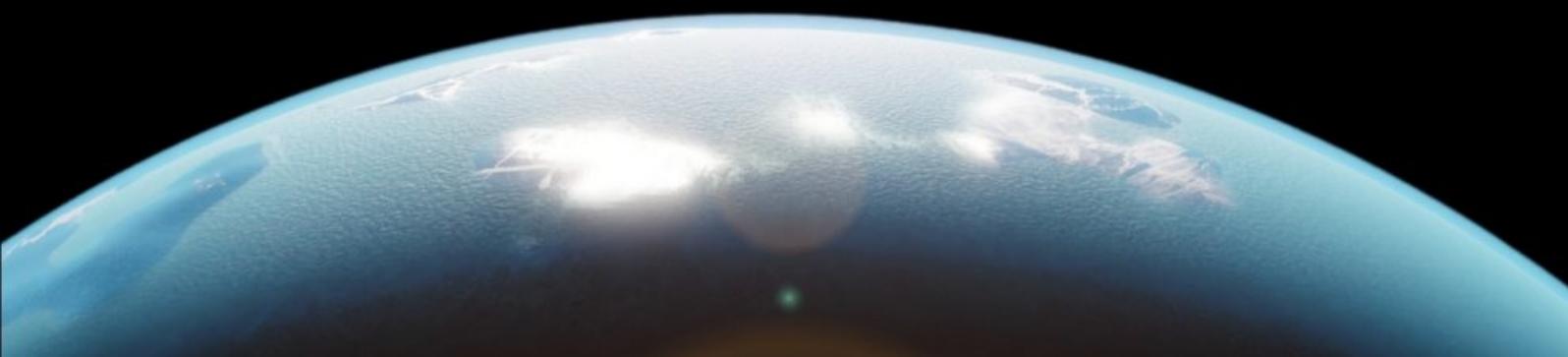


APRESENTAMOS O POEMA

Consciência Temporal

Por Sellma Luanny

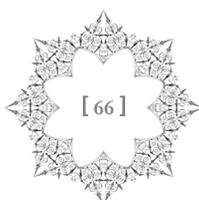
Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Soberano tempo que se vive
ilusoriamente como próprio...
ao nascer crescer e se espalhar...
E inconsequentemente,
mais do que se precisa
usar e descartar...
o furtar-se de enxergar e solidarizar...
e com o próximo aquinhoar.

Na Natureza, um anuir das partes...
ela dá mas retoma... e reusa.
Peças apenas, na maquinaria da existência
tudo se revela.
Despretensiosamente vital
conscientizar-se de que endividados
e interdependentes usuários
todos somos.

O dia virá, em que dispersos pela Natureza
não seremos mais consciência
nem entendimento...
só restituídos átomos.
Não mais desejos felicidade ou amor...
só parte de outros...
Não mais pensamentos e decisões...
só o retorno à mesma mistura
que novos seres nutrirá...
uma involuntária submissão.

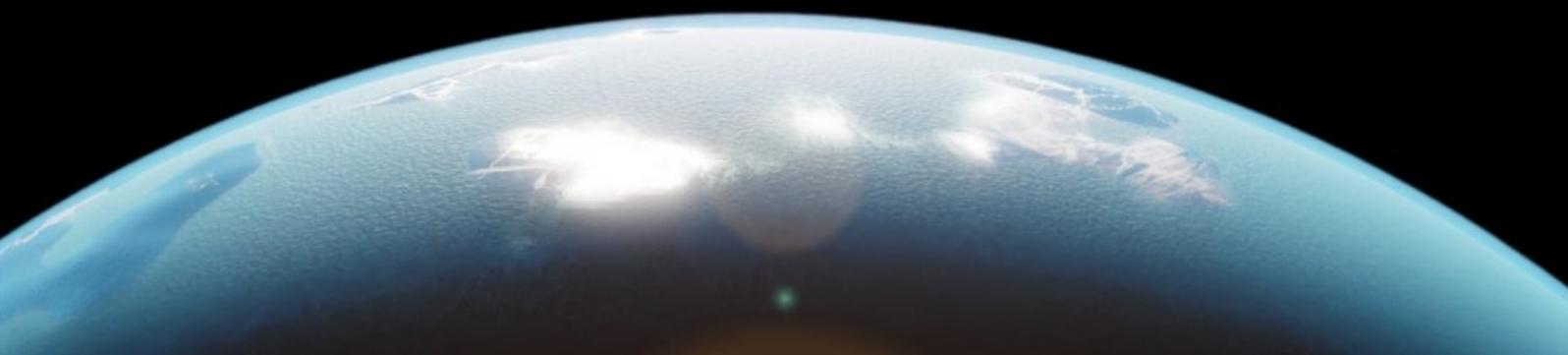


APRESENTAMOS O POEMA

Mulher para sempre?

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

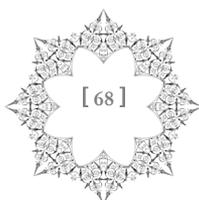


Se retornar pudesse à mesma
humana vida... se possível fosse
— só confabulando comigo —,
desejaria voltar como mulher.
Mas nunca me submeter às usuais
contingências... e preconceitos
e segregação, repudiar.

Se não pudesse um retorno assim,
algo intangível eu gostaria de ser...
vento constante um prêmio seria...
a provocar insônia, descabelar
e os olhos e ouvidos do "descaso"
empoeirar... e a quem é caos,
não deixar descansar.

Ventaria assoviando... como os ventos
que "uivam" mais que lobos...
mordem mais que tigres...
pesam como elefantes...
e dominam os céus... como no mar,
os remanescentes cetáceos.

Retornar como mulher?
Teria que valer muito a pena!
E certificar como esperada diferença...
pelo menos respeito.

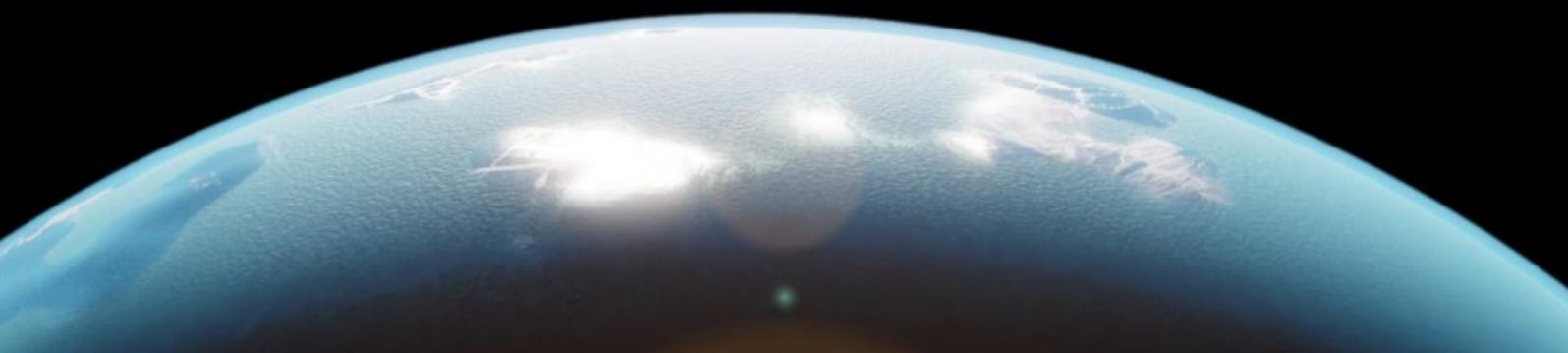


APRESENTAMOS O POEMA

Neste planeta

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

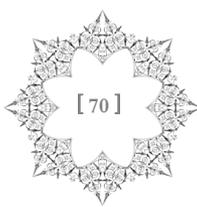


Esta forte corrente...
humanidade intitulada...
que sobre continentes avança
e navega céus e mares...
inconsequentemente
a tudo transfigura.

No presente tempo
sem uniformes intenções
sem visualizar-se no cosmos...
num contínuo caminhar...
E a arriscar... no escuro.

Do querer ou não, independente
e nas transformações
que vêm para ficar...
a todos e a tudo
puxa e leva nos seus atos...
Sem se afigurar... parte.

E a tudo à sua volta...
artificial ou não... ligada...
conectada... E é preciso
cuidar! Ser responsável!
A humanidade não é só...
nunca única...
Planetária.

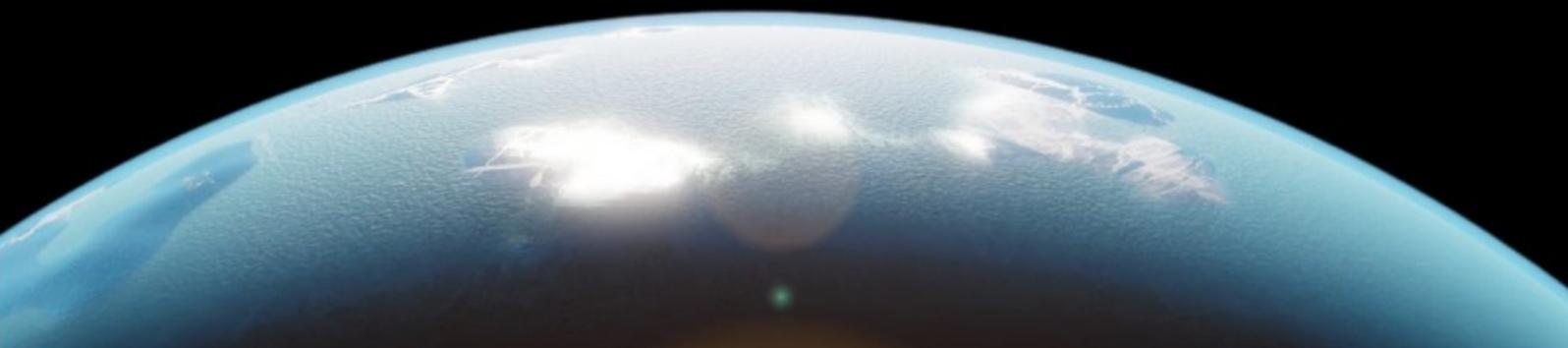


APRESENTAMOS O POEMA

Comiseração em vida

Por Sellma Luanny

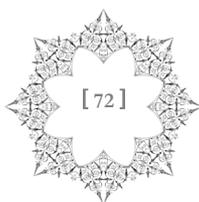
Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Viver bem...como seria?
Para uns, riquezas em ouro acumular...
para outros, "saúde de ferro" possuir.
Mas apesar disso, quem sabe
ser pacífico e cultivar amor
inclusões a considerar?

Vários ângulos a analisar.
Vários parâmetros a precisar.
Para cada um, em cada momento
relativo tudo tende a ser.
O preto pode não ser preto.
E o branco...?

Frente à complexidade da vida
e da humana existência,
ao alcance das mãos
o que considerar?
Talvez... a vida
não passar em miséria.
Talvez fazer por
não transformar em miséria,
a vida.

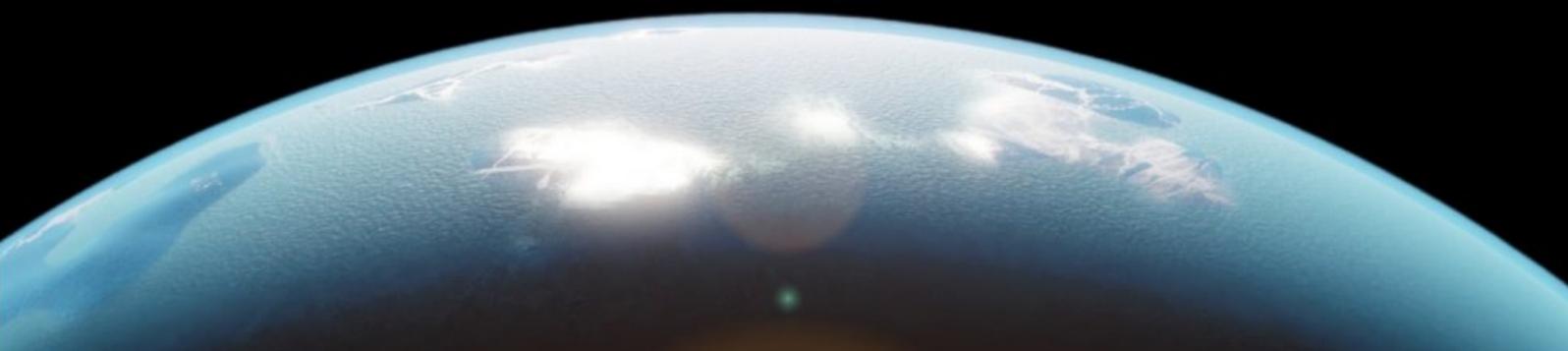


APRESENTAMOS
O CONTO

A sarça ardente

Por Sheila Sacks

Carioca, jornalista, sempre trabalhou em Assessoria de Comunicação no Serviço Público.



Doze meses se passaram até Noah abrir a sucessão de portas do bunker encravado no fundo da terra. Milhares de degraus o esperavam até a superfície. Ele consultou o relógio antes de rodar a pesada manivela e expor o corpo para fora do abrigo. Um bafo fervente veio em sua direção e o fez dar um passo atrás. Vestia uma roupa blindada que o protegia da cabeça aos pés, mas o cheiro de enxofre se introduziu misteriosamente em suas narinas. Uma névoa de fumaça formava borrões vermelhos que se acendiam como lanternas flutuantes à luz do sol. O astro rubro parcialmente encoberto parecia dilatado, maior que o normal, assim lembrava a Noah.

Sob as suas botas, o chão de carvão se esfarelava a cada passo. Andava devagar sob o peso do equipamento e a dificuldade de ver adiante. Naquele ano de 2099, enquanto o planeta ardia em fogo, ele teve que se desfazer do passado e de toda a tecnologia que o cercava. Sempre foi um ermitão porque a balbúrdia das pessoas o incomodava. Nasceu assim, com o espectro autista que não o impediu de estudar, trabalhar e se transformar em um engenheiro consagrado.

Os arranha-céus que construiu assombraram o mundo pela sua inventiva e soluções visionárias. Terremotos, tsunamis e outros eventos da natureza se mostraram incapazes de derrubar os prédios de mais de 300 andares. Sua genialidade foi louvada e agraciada de forma generosa. Tornou-se um homem rico.

Uma noite teve um sonho que se repetiu por semanas e o deixou apreensivo. Estava perdido no meio do deserto sob um sol feroz que o acompanhava como um lobo faminto. Exausto, cerrou os olhos e as pernas tombaram. Ao se levantar viu um arbusto coroadado pelo fogo, cujas chamas não o tocavam. Uma voz de trovão ecoou. — Após o dilúvio virá o fogo!

Incomodado com o sonho recorrente Noah falou com o avô, um estudioso da bíblia hebraica a quem devia seu nome tirado das páginas do Gênesis. Noah ou Noé, contava o avô, era o único homem justo num mundo de violência e maldade e foi salvo do dilúvio que acabou com a vida na terra. — Desta vez é a sarça ardente, disse para si mesmo o homem quase centenário, mas ainda lúcido em sua devoção. E continuou num fio de voz. — Essa é uma das maneiras que o Senhor escolheu para falar ao homem. Então, Noah, não ignore a mensagem — alertou o avô.

Havia décadas que o planeta era assolado por temporadas de queimadas e incêndios florestais enfrentadas por batalhões de profissionais do fogo. Na época das

chuvas, a vez era de inundações e enxurradas. Se o sonho o alertasse para uma invasão alienígena, Noah certamente levaria mais a sério. Cidades como Sodoma e Gomorra consumidas pelo fogo pela maldade humana jamais o impressionou. Considerava uma alegoria, assim como a saga do dilúvio.

Mas, a simbologia da sarça ardente mencionada pelo avô o tocou. Por semanas Noah se remoeu em dúvidas, devaneios e alucinações. Por fim decidiu pela reviravolta. Dos arranha-céus para as profundezas da terra. Em um local ermo, no limiar entre a África e a Ásia, a construção subterrânea evoluiu ao longo de três anos pelas mãos de mais de 500 operários. No início, a excentricidade de Noah repercutiu nas mídias digitais, mas logo foi atropelada por outros eventos.

Quando numa madrugada de outono o céu virou chumbo e ventos em fúria foram em um crescendo assustador ateando fogo nas matas, queimando as cidades, empurrando a população em direção aos mares revoltos, Noah adentrou no bunker secreto já preparado para enfrentar tempos de solidão, incerteza e de ira divina.

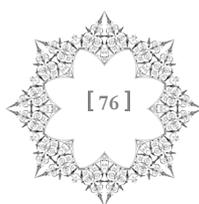
Foram 365 dias e noites acompanhando a explosão ruínosa da natureza através do olho mágico instalado na saída do abrigo. Uma enorme sombra ao passar pelo visor o surpreendeu. Buscava uma analogia com o passado na abarrotada biblioteca que adquiriu quando milhares de centros de leitura foram desativados por falta de leitores. A campanha transnacional Não olhe para trás, siga adiante inundou as redes e ganhou a adesão maciça dos jovens. O passado se tornou obsoleto.

O horizonte ventoso e rubro persistia e Noah dava cada passo com cautela. Porém, aos poucos a fumaça pareceu menos densa e o vislumbre do contorno de uma montanha surgiu como uma cena surreal. Noah fixou a vista na miragem que se ampliava à medida que a fumaça se diluía em transparências. Um objeto enorme, de forma ovalada, parecia flutuar no cume.

De volta ao bunker ele se jogou exausto na cadeira. Os milhares de degraus percorridos e a retirada da roupa pesada consumiam suas forças compatíveis a um homem de 50 anos. Mas o pouco de esperança na visão da montanha o animava. Era uma pessoa só, sem família, desde o terrível ataque de 2060 que instalou uma ditadura supremacista em seu continente natal. Qualquer suspeita na ascendência genética levava às câmaras de incineração. Noah e o avô escaparam escondidos em um porão do navio que zarpava rumo a uma ilha do Pacífico. Dias depois da conversa sobre o sonho, o idoso faleceu dormindo como um justo.

O homem de tez cor de mate, belo na aparência corporal, respira profundamente e sente uma imensa paz emanar de seu interior qual um delicado manto de luz abraçando seu corpo doído. O sonho frequente da sarça ardente tinha se dissolvido no nada ainda na primeira noite no bunker. A inquietude de meses deu lugar à certeza de que haveria um futuro de alguma forma. Talvez um amanhã de legiões vindas de esferas desconhecidas da Via Láctea. Ou o retorno das brigadas lunares acopladas no noturno corpo celeste. Um recomeço exploratório enfim posto em prática nas secretas usinas do tempo. Incontáveis possibilidades e diferentes formas de vida. “A essência assustadora de um universo com seus próprios ciclos, independentes de homens e civilizações”, escreveu Noah no caderno de anotações nos primeiros dias da catástrofe. “Agora, cessado o fogo, a ordem cósmica se recompõe em meio ao caos”, anota.

Vai à cozinha e almoça a barra proteica vitaminada que há tempos substituíra a alimentação tradicional. Em seguida, na rotina diária, verifica o nível das lagoas subterrâneas formadas ao longo dos séculos. Seus companheiros, Y e Z, permanecem tranquilos. As vidas singelas do peixinho azul e do canário amarelo trazem leveza ao seu existir. Já na biblioteca, ele retorna ao capítulo interrompido, ansioso em pausar o corpo e ativar a fração de mente robótica para a viagem literária. — Agora é o amanhã — diz a personagem da narrativa, encantada ao ver o balão dirigível contornar a Torre Eiffel. Noah, ao seu lado, comemora na praça ajardinada o feito do inventor. O ano é 1901 e um novo século desponta.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**